

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICANÁLISE: TÉCNICA E TEORIA

CLARISSE ALARCÃO MOSQUÉRA

NARCISIMO E ISOLAMENTO NO MUNDO VIRTUAL

PORTO ALEGRE

2018

Clarisse Alarcão Mosquéra

NARCISISMO E ISOLAMENTO NO MUNDO VIRTUAL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicanálise, pelo Curso de Especialização em PSICANÁLISE: TÉCNICA E TEORIA da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Prof.^a(a). Dra. Ana Cristina Moura

Porto Alegre

2018

A meu pai Yvens,
Por toda iluminação, inspiração e ternura.
À minha irmã Lívia,
Por toda sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela luz e oportunidade de conhecimento; ao Jonas e meus filhos, pela ternura e paciência; à minha mãe, pelos cuidados eternos; aos meus colegas, pelo estímulo e apoio; à minha orientadora, Professora Ana Moura, pelos prontos atendimentos.

Agradeço a todos os meus mestres, em especial ao professor Mario Fleig, que fez germinar meu saber, que me fez repensar o meu lugar e a importância do meu modo de estar no mundo, e por ter feito toda a diferença nesse percurso da Psicanálise.

“E por que vistes a verdade sobre as coisas belas, justas e boas, sabereis o que cada imagem é e do que é ela uma semelhança.”

(PLATÃO, 2015, p. 23).

RESUMO

Vivemos no mundo do eu, na era do narcisismo. Os comportamentos narcisistas estão cada vez mais próximos, nos rodeando. A obsessão pelas *selfies*, a autopromoção, o desejo do olhar do outro, o belo e a vaidade, encontrados no mundo virtual, são buscas pelas quais o sujeito está implicado. Nesse exibicionismo privilegia-se o jogo pulsional do ver, ser visto e fazer-se ver. E o seu objeto é ver a angústia no olhar do outro. A neurose e a histeria do séc. XX deram lugar ao culto ao indivíduo e sua busca pela imagem de sucesso pessoal.

As redes sociais eram, basicamente, para se publicar assuntos ou coisas positivas, exigindo uma considerável dose de cultivo da imagem, onde não é permitido parecer triste ou mal arrumado. Com isso, descobriu-se uma brecha, socialmente aceitável, de se publicar as *selfies* narcísicas. O sentimento é comum: de tolerância, de mesmice e de comentários semelhantes. Em um perfil, só se mantém fotos com muitos *likes*. Se menos, ou nenhum *like*, são deletadas. A imagem narcísica está em jogo.

Esse fenômeno contemporâneo de busca por esse olhar, por essa aprovação do outro tem um forte entrelaçamento com o fenômeno do narcisismo. O outro é equipado para dar apoio e valoração. Esse eu, possivelmente, está enfraquecido, não está devidamente confiante em si mesmo e não tem a capacidade de se confrontar com o outro. Na sociedade contemporânea, o comportamento narcisista está em expansão, não só entre os jovens e adolescentes, mas em qualquer sujeito que tem acesso às redes sociais, mostrando um padrão de grandiosidade e uma necessidade cada vez maior de admiração e falta de empatia pelo outro.

Através do estudo analítico de Freud e Lacan, buscaremos abordar algumas respostas, tendo a pesquisa basicamente de proporções bibliográfico-teóricas.

Colocamo-nos então a questão: a prática de relacionamentos no mundo virtual e a posição de isolamento no cotidiano do sujeito podem ser efeito da forma de constituição do narcisismo?

Palavras-chave: Narcisismo. Libido. Ideal do Eu. Isolamento. Mundo virtual.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fonte: Introdução ao narcisismo – FREUD (1914).....	22
Figura 2 – Fonte: Mulher@Desejo – PAIM (2008)	30
Figura 3 – Fonte: GARCIA-ROZA (2000).....	32
Figura 4 – Fonte: GARCIA-ROZA (2000).....	34

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
LISTA DE FIGURAS	8
SUMÁRIO	9
1 INTRODUÇÃO	10
2 NARCISISMO	13
2.1 NARCISISMO EM FREUD.....	18
2.2 DOIS NARCISISMOS EM LACAN	23
3 LIBIDO, IDEAL DO EU E PULSÃO	27
3.1 TEORIA DA LIBIDO	27
3.2 DO EU IDEAL PARA O IDEAL DO EU	31
3.3 PULSÃO DO OLHAR	35
4 O GRANDE OUTRO E O LUGAR DA <i>INTERNET</i>	41
4.1 O LUGAR DA <i>INTERNET</i>	43
5 O MUNDO VIRTUAL E SEUS RELACIONAMENTOS.....	47
5.1 NARCISISMO E SEUS RELACIONAMENTOS VIRTUAIS	50
6 O IMEDIATISMO, O ISOLAMENTO E SUAS CONSEQUÊNCIAS	55
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	65

1 INTRODUÇÃO

Ao definir o tema deste trabalho, senti-me na inquietude de buscar entender como os sujeitos humanos definem seus relacionamentos virtuais e suas posturas perante o laço social. O que se entende quando um sujeito se encontra com outro sujeito na esfera virtual, tentando esconder de si mesmo o sentimento de imediatismo e isolamento, com alguns êxitos e fracassos? Quais os fatores que estão implicados nesses relacionamentos?

Na psicanálise, especialmente no conceito de narcisismo, podemos encontrar alguns fundamentos na intenção de esclarecer o que se passa nessa questão do relacionamento virtual e suas ferramentas. Além do narcisismo, este trabalho estará focado em mais alguns pressupostos de Freud e Lacan, como o ideal do eu, libido, pulsão do olhar, o grande Outro e o imediatismo pessoal.

Com esses questionamentos, a *Internet* desponta como um fenômeno social contemporâneo na esfera dos relacionamentos humanos, no qual as ferramentas como *Facebook*, *Whatsapp*, *Instagram*, *Snapchat*, etc. destacam-se como importantes instrumentos de acesso ao outro, oferecendo-se como um grande campo de análise dessas questões. Observa-se, também, que é no mundo virtual, através da *Internet* e suas ferramentas, que o sujeito lança seu pedido ao outro. O que está implicado na escolha desse meio de acesso ao objeto de desejo?

A psicanálise é um meio em que se pode produzir alguma inteligibilidade a respeito desse tema, com ela se pode dar sentido que possibilite entender algo novo ao sujeito, depositário desse significante do qual traz a marca. A psicanálise pode trazer novo sentido, abrir um lugar para a instauração de uma possibilidade de saída

de um sintoma na esfera dos relacionamentos virtuais e do laço social, tema para onde se procura apontar o foco desse estudo.

A escolha de um tema, de uma tese, assim como a escolha de um amigo numa das ferramentas virtuais fundem-se para a questão da escolha de atender uma demanda que é da ordem do desejo. E dar conta desse desejo é da ordem do grande Outro de cada um que escolhe. Andamos em busca de retorno e acesso a esse grande Outro, que por ele acordamos e levantamos a cada manhã. “É a ele que pretensamente escolhemos quando escolhemos um outro, um outro qualquer que, no nosso imaginário, possa ocupar esse lugar vazio, insistentemente vazio” (PAIM, p.17, 2008). Os sujeitos andam às voltas da *Internet* para buscar suprimir a incompletude do ser, a falta, o vazio que nos mantém vivos e humanos.

Os sujeitos de hoje, especialmente as mulheres falantes da era da *Internet*, se misturaram aos falantes da psicanálise de hoje e de outras épocas desde Freud. Se por um lado temos a mulher histérica da época de Freud, que era recatada e dissimulada de seu desejo, e de outro, temos a mulher da *Internet* que anuncia suas *selfies*, ainda assim é possível identificar uma fala que faz eco nesses sujeitos, separados por todas as diferenças da civilização. Não havia *Internet* na época de Freud, nem as ferramentas virtuais, porém já havia a angústia, sinal da perda da identidade diante do foco do olhar do Outro, já havia a repetição da busca da coisa (*das Ding*). E criamos outros meios, outras formas de se chegar ao grande Outro, esse lugar que é a função do princípio do prazer.

Esse estudo pretende mostrar como se analisa a singularidade dos sujeitos na eleição da escolha do seu objeto de desejo, considerando os aspectos de sua subjetivação. O foco deste trabalho se situa em mostrar o desejo, embora invariavelmente, um desejo de submissão ao Outro, temos que cada um inventa para si saídas próprias para os destinos de suas pulsões. Para Lacan, o sujeito é o sujeito do desejo. Questões inquietantes o conduzem na procura de acesso às suas verdades e constituem-se na fonte e natureza da criação.

Antes de Freud existia o homem; a partir dele inventou-se o inconsciente. A psicanálise trata, então, do desvendamento deste “continente negro” descoberto por esta concepção freudiana, tendo-se acesso às complexas estruturas e aos processos de seu funcionamento psíquico. Através do inconsciente, pode-se compreender um comportamento por vezes incompreensível do sujeito.

Vamos pensar a questão na busca do entendimento do desejo da eleição do objeto libidinal, através dos meios tecnológicos, enfocando os conceitos de narcisismo, identificação, castração, a questão com o Outro e pulsão do olhar.

2 NARCISISMO

A etiologia do termo Narciso vem do grego Νάρκισσος, (Nárkissos), ou 'narke' que significa entorpecimento, torpor. O mito de Narciso é oriundo da mitologia grega, no qual a ninfa Eco, encantada por Narciso, é atingida por uma maldição e passa a repetir as palavras ouvidas no fim do discurso. Quando viu Narciso, enquanto andava sem rumo pelos campos afastados, ardeu de paixão por ele. Nesse bosque, Narciso percebe a presença de alguém e pergunta: "Quem está aí?" e Eco responde: "Quem está aí?". Narciso retruca: "Aparece!", e Eco diz: "aparece!". Sobre Narciso também acontece uma maldição: viverá enquanto não se ver, enquanto não se contemplar. Narciso, então, se observa em um espelho d'água de um lago, e ao se contemplar, se encanta excessivamente por ele mesmo. Desta forma, fica paralisado, se petrifica e morre de inanição. Uma outra versão do mito refere-se a Narciso pulando na água e morrendo afogado. Esse encantamento de narcisismo culmina numa paralisia, numa mortificação.

Esse episódio, para o narcisismo, expõe o Narciso e o espelho: Narciso somente recebe do outro o seu próprio eco, ou seja, Narciso se relaciona com o outro como se fosse espelho. O que vem do outro é ele próprio. Narciso é aquele que se relaciona com os outros, buscando ele próprio no outros, o eco dele próprio.

O narcisismo é uma relação com a imagem, com o processo identificatório e com o investimento efetuado pelo sujeito. O narcisismo é constitutivo, não sendo um desvio, e a imagem é a forma do sujeito se apresentar, de se ver, de se fazer ver pelo outro. A identificação é o perfil do sujeito, uma imagem através da qual o sujeito se apresenta para o outro, não só no belo, assim como no bom. E entende-se como investimento narcísico o que a imagem e a

identificação necessitam de energia, de vitalidade, de força. O sujeito deixa de investir em outras atividades para que o seu tempo seja gasto em investir na sustentação de sua imagem.

Esse triângulo de características do narcisismo (imagem, identificação e investimento) desenvolve no sujeito um fascínio, altamente enganoso, no qual o sujeito, ao se deixar levar pela excessiva admiração, alguma outra coisa não é vista. O narcisista é servo, ele é capturado por esse fascínio, que o leva à servidão.

O termo narcisismo é relativo a constituição do eu e do objeto, relativo à passagem do auto-erotismo para o amor de objeto. A imagem mitológica de Narciso nos leva ao desejo inabordável, das identificações, da formação de um ideal e à questão da escolha da melhor *selfie*, do melhor espetáculo para o outro. Freud situa este mito no desenvolvimento da sua teoria para melhor mostrar o funcionamento psíquico do sujeito em alguns momentos centrais da sua constituição e funcionamento.

Na contemporaneidade, podemos ver o mito de Narciso nas tecnologias, especialmente nas redes sociais, como também nas fotos chamadas *selfies* (*self*, do inglês, eu), que procuram o olhar do outro, de ser admirado, reconhecido e amado. Toda essa exposição e busca pelo olhar do outro, pode demonstrar um sintoma de uma sociedade que, cada vez mais investe na imagem, estando menos interessada em relações de fato, no laço social. Desta forma, pode-se surgir cada vez mais relações superficiais, nas quais nenhum afeto é exposto ao outro, pois o sujeito está voltado para o seu *selfie*.

Um conceito fundamental ao qual Freud faz a ligação com a teoria da sexualidade infantil e o narcisismo é a castração. Um padrão da castração na contemporaneidade é a fase dos “porquês” da criança. A criança quer saber, perguntando e conjectura como são feitos os bebês, de onde estes vêm, qual a participação do pai, etc. Essa investigação infantil é muito importante, tanto para o desenvolvimento cognitivo, quanto para a futura produção da fantasia.

Freud aponta uma fantasia bastante comum nas crianças: a de pressupor que todos os objetos sejam dotados de essência anímica, aptos a serem objetos de desejo. Ao longo do tempo, a criança entende que não são todos objetos ou coisas que possuem isso, essa causa do desejo. A criança vai, aos poucos, reduzindo essa propriedade anímica, ligando-a aos animais. Há, assim, uma ligação importante no processo de simbolização da criança, com os animais domésticos, os quais ela

atribui propriedades similares aos seres humanos. Após essa etapa, a criança reduz essa propriedade aos seres humanos e à sua própria família e, segundo Freud, por último e mais complicado de se admitir, é que a mãe não é dotada dessa propriedade. O que falta na mãe é o falo, sendo algo que torna algo ou alguém amável.

Nas mulheres, o complexo de castração incide, muitas vezes, como um temor à perda de amor ou do olhar do outro. Para os homens, o complexo de castração acontece como uma angústia de uma possível perda de uma parte do corpo, ou de ter o seu corpo ameaçado pelo outro. Aqui pode estar a causa do sentimento de angústia, e outros afetos, ao se relacionarem virtualmente. O olhar do outro me completa, assim como meu corpo é dotado de perfeição, não havendo a suposta falta.

O complexo de castração é esse núcleo de apoio do complexo de Édipo, momento em que a criança deve integrar, resolver o seu progresso na construção de sua teoria sexual infantil, mas também resolver a sua relação com o pai, com a mãe e a relação que os pais mantêm entre si. Esse conjunto de problemas a serem resolvidos é equacionado em torno de uma falta central, chamada de castração. Por isso, a castração é o complexo nuclear de todas as neuroses, psicoses e perversões.

A condição de troca indispensável ao sujeito com o outro, no laço social, ocorre apenas com a falta, com a castração, para que possa ocorrer o gozo, camuflado um direito sem limite. As impossibilidades do sujeito faz reconhecer o que constitui a condição humana, que é consentir a castração. “O outro é a maior prova da impossibilidade do sujeito, que rompe a simetria. Se o sujeito não se confronta com suas impossibilidades, não tem como se relacionar com o outro no laço social” (FLEIG, 2018).

Os narcisismos primário e secundário aparecem na obra de Freud, de 1914, porém a questão da diferenciação entre os dois não é tão clara, com relação a um narcisismo originário: outra denominação para narcisismo primário; ou um narcisismo anterior ao auto-erotismo e destituído de qualquer libido de objeto. Esse período é chamado de momento mítico de Freud. No entanto, fica clara a existência de pelo menos três modos distintos de funcionamento da libido: o auto-erotismo; narcisismo primário e secundário; e escolha de objeto. Duas questões são levantadas a partir desse conceito da libido:

- a) Se o narcisismo primário equivale ao auto-erotismo e o secundário, ao narcisismo em si;
- b) se o narcisismo primário fica no lugar do narcisismo e o narcisismo secundário passa a designar um momento posterior ao da escolha objetal do sujeito.

Considera-se, assim, o narcisismo originário como um momento anterior ao do auto-erotismo, determinando um estado anobjetal e inicial, no qual o sujeito estaria todo fechado em si mesmo, sem qualquer interação com o mundo externo. Tanto o auto-erotismo, quanto o narcisismo definem modos de funcionamento sexual e não modos de interação com o mundo exterior. Tudo está baseado no estado inicial da libido, ao qual se algo não é relativo à sexualidade, então não interessa à discussão sobre os modos de funcionamento libidinal. Para Freud (1914), a questão da sexualidade humana possui o auto-erotismo como ponto de partida, não se autoriza supor que há um estado da sexualidade anterior ao do auto-erotismo, mesmo que considerado mítico.

Supondo-se, inicialmente, que o narcisismo primário ou secundário seja posterior ao auto-erotismo, trata-se de um investimento libidinal sobre a imagem do *eu*, imagem esta que não é a de um corpo fragmentado, como no auto-erotismo, mas de um corpo unificado, algo que possui uma unidade e que se oferece como uma *Gestalt* e não como um amontoado de elementos dispersos. Ou seja, no auto-erotismo temos a libido sem o eu; no narcisismo, o investimento libidinal recai sobre o eu.

Lacan (1953/1954), em seu seminário 1, escreve o texto *Dois narcisismos*, no qual abre a discussão sobre o artigo de Freud sobre o narcisismo, alegando que existe um primeiro narcisismo que se relaciona à imagem corporal, ao eu ideal; e um segundo narcisismo que implica a relação com o outro, no ideal do eu. Esse primeiro narcisismo encontra-se no imaginário e o segundo, no simbólico. Lacan também remonta a uma etapa anterior a 1953, quando de seus estudos sobre a paranoia, no caso Aimée, quando utilizou uma noção freudiana do narcisismo e agressividade, afirmando que estes são correlatos e contemporâneos na formação do *eu*.

Em sua formulação do *Estágio do espelho*, Lacan (1949) alega que a criança é capaz de reconhecer sua imagem num espelho, antes de um ano de idade, no qual esse reconhecimento é seguido de um estado de euforia e de gestos que são

percebidos redobrados na imagem do espelho. Com isso, essa experiência permite criar uma representação de sua unidade corporal por identificação ao outro, no caso a mãe. Essa é a matriz que construirá o primeiro desenho do *eu*. Toda a experiência especular deve ser absorvida como uma identificação no sentido pleno que a análise dá a esse termo, ou seja, há a transformação do sujeito quando este assume uma imagem. Nesse estágio, a criança define uma relação com o outro, seu semelhante. A imagem que a criança tem em retorno do espelho ou pelo outro é uma Gestalt, cuja função original é ser estruturante do *eu*, ainda no imaginário. Há a primeira demarcação de si num processo de identificação com o outro. Lacan também define essa relação imaginário como uma relação dual, por se opor imediatamente entre a consciência e o outro, numa relação sem a linguagem ainda, consumindo-se nesse jogo especular no qual a consciência se perde ou se aliena.

A razão pela qual Lacan remonta narcisismo e agressividade é, portanto, quando o outro que está de posse de sua imagem especular, já que o sujeito apreende seu próprio corpo na imagem do outro, numa identificação alienante, ocasionando tensão e, por consequência tem-se imediata necessidade de destruir esse outro, fonte da alienação. “Se meu *eu* está fora de mim, no outro, se meu desejo por consequência é o desejo do outro, é preciso destruir esse outro para que eu possa tomar o seu lugar.” (GARCIA-ROZA, 2000, p.68). Essa situação é insuportável e cria uma tendência a acabar com o outro, tomar seu lugar e eliminar a fonte de alienação do seu desejo. Toda relação dual pelo espelho é uma relação mortal, só é superável com o surgimento do simbólico e, como vimos em Freud, com um deslocamento da libido para um ideal do eu imposto de fora. Ao fim de 1954, destaca-se o simbólico e o ideal do eu constitui-se pelas exigências externas ao indivíduo, veiculadas à linguagem.

O narcisismo é a peça chave desse estudo, pois a concepção de sua estrutura e o modo como opera no sujeito nos auxilia na compreensão dos processos envolvidos na escolha de seu objeto de desejo.

A definição de Nasio (1997) para o narcisismo é como um “[...] gesto essencial do eu que lhe permite transformar o objeto real em objeto fantasiado [...] amar a si mesmo como objeto sexual” (NASIO, p. 38), onde o próprio sujeito toma o lugar do objeto sexual para se fazer amar e desejar pela pulsão sexual.

O processo analítico busca um esvaziamento do excesso de narcisismo, do fascínio do sujeito, da sua servidão. Sabe-se que esse fascínio, esse encantamento

é algo defensivo do sujeito, para não ter que lidar com outra coisa e o papel do analista é questionar e orientar o caminho desse narcisismo do sujeito, buscando formas de esvaziamento e subversão.

As estruturas clínicas são resposta ao insuportável para o sujeito admitir, que somos faltantes, somos limitados e que, inclusive, não possuímos aquilo que é a causa de desejo para o outro. O objeto do desejo é um objeto que circula, que é trocado, que depende da rede de desejos que forma a cultura e a sociedade. Portanto, o complexo de castração é uma força impulsora da simbolização e, também, da humanização e socialização na criança.

2.1 NARCISISMO EM FREUD

Em 1914, Freud inicia a escrita de estudos teóricos com seus primeiros dissidentes: Adler e Jung. O primeiro com sua “Psicologia Individual” e o segundo, com sua “Psicologia Analítica”. Freud se divergiu de Adler em 1911, pois este desconhecia os conceitos fundamentais da psicanálise: os de inconsciente e de recalçamento. No congresso de Munique, em 1913, foi o ponto de separação na amizade com Jung. Em uma viagem aos EUA, Jung mostrou o sucesso que havia obtido por ter omitido as questões sexuais de suas exposições. Em resposta, Freud responde que não encontrava mérito nisso e que o conceito de narcisismo é a resposta à libido não sexual de Jung e ao protesto masculino de Adler.

O termo narcisismo foi empregado pela primeira vez, por Freud, em 1909, numa reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, quando o definiu como estágio necessário entre o auto-erotismo e o amor objetal. Em um artigo de 1895, sob o título de “Sobre a justificativa de se separar uma determinada síndrome chamada “neurose de angústia” da neurastenia, Freud mostrou o acúmulo de excitação sexual não descartada como causa da neurose. O motivo era diferenciar os casos de neurastenia (forma de perturbação sexual), dentro das neuroses de angústia. Tudo o que bloqueia a tensão sexual somática a atingir à esfera psíquica produz a neurose de angústia, ou seja, tudo que perturbe seu pensamento psíquico, como por exemplo, a abstinência sexual, coito interrompido, o coito insatisfatório, o desvio do

interesse psíquico pela sexualidade, etc. A neurose de angústia é sobredeterminada e sua causa é sempre uma questão sexual.

Numa de suas cartas a Fliess, Freud enfatiza um fenômeno da infância como um acontecimento universal: o apaixonamento pela mãe, acompanhado de um ódio fulminante pelo pai. Um outro ponto mencionado é o da descoberta da sexualidade na infância, definida como uma regra com valor universal.

Freud escreve *Para introduzir o narcisismo* (1914) logo depois de *Totem e tabu* (1912-1913), sob a ideia de que narcisismo e agressividade surgem juntos, quando descreve o processo de identificação e incorporação. Ao ato de incorporação entende-se como os membros do grupo se transformando em representantes do pai ideal. Os irmãos que foram expulsos se juntaram, mataram e devoraram o pai. Por sua vez, os irmãos, além de culpados pela morte do pai, abandonam o objeto de desejo pelo qual lutaram, mitificam o pai morto como totem e instauram o domínio da Lei, que, segundo Freud, foi o início da organização social, das restrições morais e da religião. Com a morte do pai, abre-se a possibilidade de constante assassinato e do incesto, pois se tornou tabu, proibido. E tudo o que é proibido é desejado inconscientemente. A neurose é o que é pago para se sair do primitivo, bárbaro.

Em *Os três ensaios sobre a sexualidade* (1901-1905), Freud perverte o saber existente sobre a sexualidade, sobre as aberrações sexuais, conclui que a sexualidade humana é, em si mesma, aberrante e perversa. A sexualidade humana é regida pelo princípio do prazer, enquanto que a sexualidade animal, pela reprodução. A conduta sexual dita normal é aquela que repete o padrão, a boa cópia em relação ao modelo; A que não segue, é a má cópia, o simulacro de Platão. Nada há na pulsão sexual que funcione como indicativo de seu objeto, sendo este o que há de mais variável. Em outras palavras, qualquer objeto pode ser objeto da pulsão, e que nenhum objeto é especificamente objeto da pulsão. A pulsão torna-se indestrutível, pois sua origem é em um processo somático, origem física. A descarga das pulsões é parcial, em razão do princípio da constância do aparelho psíquico, ou princípio do prazer. A pulsão impele, sendo algo de energia que se intensifica ou diminui, à medida que o sujeito tem a possibilidade de satisfazer plenamente sua pulsão, é a pulsão de morte. O objeto é aquilo através do qual a pulsão vai alcançar sua satisfação pessoal, tornando-se inespecífico. “A satisfação é a descarga motora específica, tramada pela linguagem” (MOURA, 2018).

Em 1905, Freud conceitua a perversão como uma atividade sexual que se estende para além das regiões do corpo que se destinam à união sexual, podendo tornar-se mais importante que o objeto final. Ressalta ainda que, nenhuma pessoa sadia pode deixar de acrescentar algo de perverso ao objetivo sexual normal. E o grau de perversão permitido por cada sujeito varia de acordo com a resistência oferecida pelas forças psíquicas como vergonha ou repugnância. Essas forças psíquicas serão responsabilizadas pela modificação desses impulsos em sintomas neuróticos; a neurose então é o negativo das perversões; e os sintomas, a atividade sexual do neurótico.

A partir de *Para introduzir o narcisismo* (1914), nos *Três ensaios* (1901-1905), Freud conduz a sexualidade infantil para ser a característica definidora da sexualidade humana, sendo sempre parcial, não plena e marcada pela incompletude. O sugar (*Ludeln* ou *Lutschen*) é o ponto inicial da sexualidade infantil, estando presente aí o prazer de sugar e não a satisfação de uma necessidade. Freud definiu também o conceito de auto-erotismo: independência do objeto externo (mãe) e independência da finalidade de nutrição (leite).

Freud (1905) descreve o aparato psíquico como um aparelho de captura, contenção, de transformação de algo que vem do exterior – analogamente compara-se a uma usina termodinâmica, que acumula e transforma energia.. A libido é a energia psíquica, como a expressão anímica da pulsão sexual, ou uma força suscetível de variações quantitativas que podem servir de medida para os processos e as transformações no domínio da excitação sexual. Lacan (1953), em seu seminário 11, define libido como energia e “como um órgão, nos dois sentidos do termo, órgão-parte do organismo e órgão-instrumento”. Algumas características da libido em Freud que permanecem são: é referida à pulsão sexual e apenas a ela, sendo irreduzível a qualquer outra forma de energia anímica; possui caráter qualitativo, sendo o lugar do não-sexual, que primeiro vai ser ocupado pelas chamadas pulsões de autoconservação e, mais tarde, pela pulsão de morte; característica de interesse, pulsão do *eu*. Enquanto a energia da pulsão sexual é a libido e sua economia é regida pelo princípio do prazer, as pulsões de autoconservação colocariam sua energia (interesse) a serviço do *eu*, visando a autoconservação do indivíduo. Com a introdução do conceito de narcisismo, de 1914, tornou-se claro o fato de que as pulsões sexuais podiam retirar a libido

investida nos objetos e fazê-la voltar sobre o próprio *eu*, constituindo assim, a libido narcísica.

Em *Além do princípio do prazer* (1920), a pulsão de vida, cuja energia é a libido, é definida como pulsão sexual e de autoconservação. Já a destrutividade é a energia da pulsão de morte. A libido não deve ser considerada como masculina, nem como feminina, tampouco indica a natureza do objeto que deve investir. É neutra, sem variações qualitativas. Com relação aos objetos, e às relações que nomeamos como desejo, a libido vai ligar indivíduos, onde o sujeito pode ocupar uma posição ativa ou passiva, o que poderá caracterizar postura masculina ou feminina. O movimento da libido é o de repetir a satisfação, um reencontro. Este, no entanto, é impossível. Há uma inevitável e essencial diferença entre o objeto procurado e o objeto encontrado.

Inaugura-se, assim, a primeira dialética da teoria da sexualidade em Freud e se movimenta em direção a *Das Ding*, a mãe, ou a coisa-mãe, não sendo a coisa a ser procurada, ocupando apenas o lugar da coisa. A busca tem como objeto um vazio, o *a* como vazio central em torno do qual forma-se a trama das representações. O sujeito permanece, interminavelmente, no caminho da memória, em torno desse centro (*a*) sem jamais atingi-lo (*Ding*).

A criança busca um prazer já experimentado e agora repetido ou lembrado. O sugar foi a experiência primária de satisfação, e a criança procura repetir esse prazer. O que antes era função de nutrição, agora torna-se forma auto-erótica; o objeto passa a ser parte do próprio corpo, em geral o dedo polegar. No sugar são observadas três características de uma exteriorização sexual infantil: a sexualidade infantil *apoiar-se* nessa função corporal importante; ainda não possui objeto sexual, pois é *auto-erótica*; e seu objetivo está sob uma *zona erógena*. A partir desse autoerotismo, a libido vai, então, aos poucos escolhendo seus objetos, num crescimento que é correspondente à elaboração do mundo pelo sujeito, mundo dos objetos de interesse, porém esse mundo não é construído segundo a ordem das necessidades.

Com o surgimento do *eu* (*Ich*), Freud inicia o estudo *Para introduzir o narcisismo* (1914) com uma questão: “que relação há entre narcisismo, de que agora tratamos, e o autoerotismo, que descrevemos como um estágio inicial da libido?” (Freud, 2010, p. 18). A resposta é que não existe uma unidade comparável ao *eu*, o *eu* tem que ser desenvolvido. No entanto, as pulsões auto-eróticas são originais e estão lá desde o início. Com isso, deve-se somar algo ao auto-erotismo, como uma

nova ação psíquica para que o narcisismo se construa. O que se soma ao autoerotismo para dar forma ao narcisismo é o *eu*.

Com o surgimento do narcisismo, tem-se a questão de como distinguir a libido sexual da energia não-sexual. Se o *eu* passa a ser objeto de investimento sexual, isso não poderia corresponder a uma generalização-diluição do conceito de libido. As libidos do eu e de objeto dizem respeito à pulsão sexual, podendo ter como objeto o próprio *eu* ou um objeto externo.

Freud (1914) denomina como narcisismo primário quando, originalmente, o *eu* é o objeto escolhido para o investimento libidinal, se constituindo como um armazenador de toda a libido disponível. Posteriormente, esse investimento da libido passa a ser direcionado aos objetos (representações-objetos), o que corresponde à mudança da libido narcísica para a libido objetal. O retorno desse investimento da libido ao *eu*, após ter investido objetos externos, denomina-se narcisismo secundário. Em 1914, então, Freud distingue retração da libido para o ego (narcisismo) e retração da libido para objetos imaginários (psicose).

A diferença entre a neurose e a psicose está, então, na fantasia e na perda da realidade. Na neurose há a retração da libido pela fantasia, sublimação, enquanto que na psicose há a retração da libido por perda da realidade, em objetos imaginários, sem que a fantasia forneça qualquer tipo de substituto.

Em *Para introduzir o narcisismo*, Freud (1914) diferencia dois tipos de escolha objetal, onde todo sujeito tem à sua frente caminhos abertos na sua escolha de objeto e se apresentam da seguinte forma:

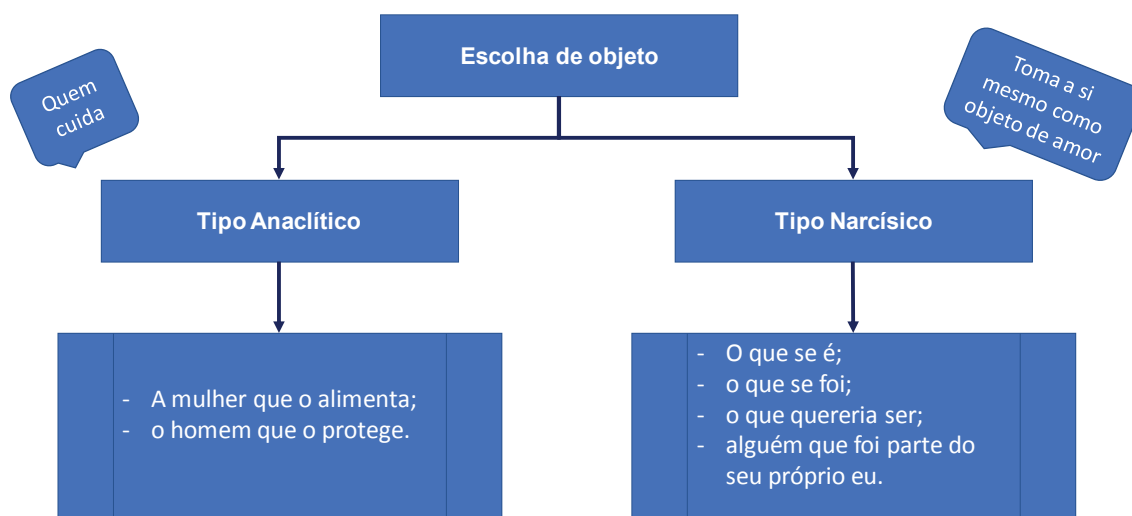


Figura 1 – Fonte: Introdução ao narcisismo – FREUD (1914)

É a partir da segunda tópica freudiana, em 1920, que a distinção entre narcisismo primário e narcisismo secundário serão esclarecidos. A definição de narcisismo primário substitui a de noção de auto-erotismo. É necessário admitir um *eu*, e no auto-erotismo, não existe ainda um *eu*, havendo apenas pulsão sexual satisfazendo-se eroticamente no próprio corpo.

2.2 DOIS NARCISISMOS EM LACAN

O texto *Os dois narcisismos* de Lacan (1954) se inicia com a questão da descoberta teórica entre Jung e Freud sendo ainda algo incômodo. A descoberta de Freud sobre a noção de libido está na apreensão fundamental de que os sintomas do neurótico mostram uma forma desviada de satisfação sexual. Freud (1914) demonstrou a função sexual dos sintomas a propósito das neuroses, como uma teoria definida e nova, englobando realidades humanas psicopatológicas, tais como: os sonhos, os lapsos, as mancasas que perturbam algumas outras funções ditas superiores.

Nesse estudo, a relação de oposição aparece, conflitual entre as pulsões do eu e as pulsões da libido: “[...] que se pode supor, num estágio primitivo, anterior àquele ao qual nos permite aceder a investigação psicanalítica, um estado de narcisismo, em que é impossível discernir as duas tendências fundamentais, a *Sexuallibido* e as *Ich-Triebe*” (LACAN, 2009, p. 162).

A teoria das pulsões é eminentemente abstrata, com valor limitado. Freud refere a noção de pulsão às noções mais elevadas da física: matéria, força, atração, que só evoluíram na história da ciência.

Em sua teoria da libido, Freud leva em consideração uma bipartição entre as finalidades da preservação do indivíduo e as da continuidade da espécie. Ao ser comparada à teoria de Weissman, Freud imediatamente alega que sua construção não tem a pretensão de ser uma teoria biológica. Do ponto de vista da espécie, Lacan diz que os indivíduos já estão mortos. “Um indivíduo não é nada, perto da substância imortal escondida no seio, que é a única a se perpetuar e que representa autenticamente, substancialmente, o que existe enquanto vida” (LACAN, 2009, p.

164). Psicologicamente, o sujeito deixa-se levar pelo instinto sexual para perpetuar a substância dos órgãos genitais, se reproduzindo enquanto tipo, e não enquanto indivíduo. O que suporta o instinto sexual no plano psicológico é o que tem relação com a imagem, a prevalência de uma imagem – *Gestalt*, e que movimenta a reprodução e seu comportamento. A mecânica do instinto sexual está marcada numa relação de imagens, numa relação imaginária. A função da libido está centrada nessa função imaginária. O investimento dos objetos pela libido é feito na imagem dos objetos, enquanto que o investimento do *eu* pode ser um investimento de fenômeno intrapsíquico, que é a realidade do *eu* que é investida. No texto, Octave Mannoni (1953) destaca de uma forma clara a questão dos dois narcisismos:

De sorte que teremos dois narcisismos, segundo seja uma libido que invista intrapsiquicamente o eu ontológico, ou bem uma libido objetual que invista alguma coisa que será talvez o ideal do eu, e em todo caso uma imagem do eu. Teremos então uma distinção muito bem fundada entre o narcisismo primário e o narcisismo secundário.

As instâncias psíquicas fundamentais devem ser concebidas numa representação do aparelho fotográfico, pelas imagens, sejam estas virtuais ou reais. O que enxergamos são imagens não homogêneas, pois uma imagem real e uma virtual não são a mesma coisa. É através do esquema ótico que se interpretam essas instâncias, concepção que Freud indicou, porém nunca materializou. É preciso que se encontre um certo ângulo para se ter a ilusão de realidade, uma ilusão real. Segundo as diferentes posições do olho pode-se compreender as diferentes posições do sujeito em relação à realidade. Esse modelo se aplica ao imaginário e o olho tem muita importância, constituindo o olhar e o imaginário.

O primeiro narcisismo, da relação entre a constituição da realidade, se situa ao nível da imagem real, organizando o conjunto da realidade num certo número de quadros pré-formados. O segundo narcisismo, de relacionamento com a forma do corpo, traz a reflexão do sujeito no espelho, manifestando uma possibilidade lógica na identidade original, com padrão fundamental de relação com o outro.

“O outro tem para o homem valor cativante” (LACAN, 2009, p. 169). Também entendido como alter ego, o outro confunde-se com o ideal do eu. A identificação narcísica é a identificação ao outro, no segundo narcisismo, que permite ao homem situar, com precisão, a sua relação com o imaginário e a relação libidinal ao mundo em geral. O sujeito enxerga o seu ser libidinal numa reflexão com relação ao outro, em relação ao seu ideal do eu.

As funções do eu desempenham um papel fundamental na estruturação da realidade. Essas funções do eu passam por uma alienação no sujeito e que irá constituir uma imagem refletida de si mesmo (Ur-Ich), a forma original do ideal do eu e da relação com o outro. A relação reflexiva ao outro, do esquema ótico e a psicanálise, permitem situar quase todas as relações clínicas, que coloca a função do imaginário a propósito desses investimentos libidinais.

O texto de Lacan (1954), sobre o narcisismo, é iniciado pela questão do simbólico e do real, no qual a palavra pode manifestar o ser do sujeito, mas nunca chega a tal. Quando se pretende definir a ação da transferência, Lacan abre o questionamento quanto a como se situam os afetos e todas as referências imaginárias. “A palavra plena é palavra que faz ato” (LACAN, 2009, p.147). As questões se orientam e se esclarecem, porém muitos paradoxos e contradições aparecem. Essas são as vantagens e chances da transferência. Uma das contradições é que o método analítico parte por uma via oposta, quando o sujeito coloca uma palavra tão desligada de sua responsabilidade e que libera o método analítico de toda exigência de autenticidade. O método analítico traz a facilidade de voltar àquilo que, na palavra, está acima do nível do conhecimento, ao terceiro, ao objeto, ao inconsciente.

A natureza do imaginário, na transferência, tem uma estreita relação com a noção de relação do objeto. A transferência e sua eficácia enfatiza o papel do supereu, sendo o analista quem oferece esse suporte ao supereu. Nesse texto, aparece o conceito do supereu parasita, envolvido em uma série de trocas, de introjeções e projeções entre o analista e o paciente, levando ao patamar dos mecanismos de constituição dos bons e dos maus objetos. Essa relação entre o analista e o analisado pode ser situada também no plano da economia narcísica do sujeito, no plano do *eu* e do *não-eu*. A questão do amor de transferência, a qual não é a mesma que o amor de Eros, mas sim do amor-paixão, é tida como uma catástrofe psicológica, residindo a questão de saber o que esse amor-paixão é, qual o seu fundamento e como está conectado à relação analítica. Lacan, então, define esse amor imaginário, inserindo-o na estrutura que articula a relação narcísica, a função do amor geral e a transferência na sua eficácia prática. Essa transferência se dá em vários registros ao mesmo tempo: imaginário, simbólico e real.

Lacan (1954) define demência precoce, no sentido amplo, como um desinvestimento do mundo exterior, enquanto Freud relaciona a chamada coisa x,

que se passou no plano da libido, com esse desinvestimento do mundo exterior. No auto-erotismo primordial há uma libido que constitui os objetos de interesse e que se reparte. Seu progresso instintivo do sujeito se faz a partir desse reparte de seus investimentos libidinais e que se elaboraria seu mundo. A libido tem seu sentido ao se diferenciar os realizantes das relações reais, de todas as funções que estão fora da função do desejo, de tudo que toca as relações do *eu* e do mundo exterior. A libido é um registro sexual e é isolada do conjunto das funções de conservação do indivíduo, tais como nutrição, assimilação, etc). Discute-se, ainda, sobre a neutralização da libido, que por um lado afirma-se tratar de libido, e por outro, de que se trata de uma propriedade da alma, ou ideia de um auto-erotismo primordial de Freud, a partir do qual se constituíram os objetos, o que é semelhante em sua estrutura à teoria de Jung. Em Freud, há a necessidade de se distinguir libido egoísta de libido sexual, que o leva a conceber o narcisismo secundário, como uma unidade comparável ao *eu* que não existe na origem, no início de vida do indivíduo, e este *eu* deve desenvolver-se, ao contrário do que acontece com as pulsões auto-eróticas, que estão lá desde o início.

É através do estágio do espelho que surge a função do eu, origem imaginária da função do eu que, no desenvolvimento do psiquismo, aparece algo novo cuja função é dar forma ao narcisismo. Dois registros estão envolvidos no estágio do espelho: psicoses e neuroses, os quais apreendem a retração da realidade de maneira diferente uma da outra. A fantasia é o recurso usado pelo neurótico quando do desconhecimento, da recusa, se opondo à realidade. Essa função da fantasia encontra-se no registro imaginário do neurótico, com suas identificações formadoras e na “relação do sujeito ao real, cuja característica é ser ilusória, é a face da função imaginária mais frequentemente valorizada” (LACAN, 2009, P.157). Na psicose, o sujeito perde a realização do real e não encontra nenhuma substituição no imaginário. Aqui está o que se diferenciam. O psicótico é um sujeito delirante que sonha que está dentro do imaginário, que não é a mesma concepção da função do irreal. A palavra, na categoria do simbólico, faz a diferenciação na reconstrução do mundo do psicótico, o qual encontra-se em um irreal simbólico ou num simbólico marcado de irreal. A sua função imaginária está em outro lugar. Para Jung, essas duas estruturas estão confundidas, enquanto que Freud, logo de início, já articula a distinção entre o imaginário e o simbólico.

3 LIBIDO, IDEAL DO EU E PULSÃO

3.1 TEORIA DA LIBIDO

No estudo sobre o narcisismo de Freud (1914), o que se confunde é que o *eu* não está presente desde o início, tem que ser acrescentado ao auto-erotismo para o narcisismo se constituir. Nesse caso, o auto-erotismo e narcisismo primário se confundem. No auto-erotismo há o prazer que o órgão retira dele mesmo, não se tratando do corpo como um todo, mas fragmentado, sem unidade. O que falta nele é o *eu*, representação complexa que o indivíduo faz de si. O que surge da imagem unificada que a criança faz do próprio corpo e da revivescência do narcisismo paterno é o eu ideal (*Ideal Ich*), que corresponde ao narcisismo primário. O retorno ao *eu* dos investimentos feitos sobre os objetos externos é definido como o narcisismo secundário, isto é, a libido que antes era investida no *eu*, passa a investir objetos externos e, posteriormente, volta a tomar o *eu* como objeto.

Na neurose há uma retração da libido em favor do *eu*, porém sem que o indivíduo elimine inteiramente o vínculo erótico com pessoas e coisas. Esse vínculo é mantido na fantasia, substituindo objetos reais para os imaginários. Na psicose, a retração da libido não se faz por essa substituição imaginária, mas pela retirada da libido das pessoas e coisas, sem o auxílio da fantasia. Ocorre um corte com relação ao objeto e uma acumulação da libido no *eu*. O vínculo erótico com os objetos do mundo é eliminado sem que no seu lugar apareçam objetos imaginários. Freud conceitua esse narcisismo, na psicose, como narcisismo secundário. Na hipocondria, acontece um processo semelhante, que retira a libido dos objetos do mundo externo e investe uma parte do próprio corpo. A parte investida passa a trabalhar como zona erógena.

Segundo Freud (1914), encontramos nos parafrênicos (demência precoce e esquizofrenia) duas características fundamentais: a megalomania e o desvio de interesse do mundo externo, de onde surgiu a concepção de um narcisismo primário e normal. Nestes casos, a libido que é retirada das pessoas e coisas não é substituída por outras na fantasia, como acontece na histeria ou na neurose obsessiva. Há uma introversão da libido, se apresentando como renúncia à iniciação das atividades motoras para a obtenção de seus objetivos relacionados aos seus objetos reais. Quando se dá essa retirada da libido dos objetos externos por outros na fantasia, Freud nomeou como processo secundário, onde a libido é conduzida de volta a objetos. Na megalomania, nesse delírio de grandeza, a libido é retirada do mundo externo e dirigida ao ego, constituindo assim o narcisismo secundário, que se sobrepõe ao narcisismo primário.

O narcisismo é constituído, dessa forma, por uma nova ação psíquica que se agrega ao auto-erotismo que, ao fim, vem constituir o eu. Essa nova ação psíquica que, em grande parte de fora do organismo, vem através dos investimentos que o outro (no caso a mãe) faz no bebê. É necessário que o corpo auto-erótico da criança tenha sido o objeto de investimento libidinal por um outro, para que ele próprio possa investir num objeto. Assim, a saída do auto-erotismo pressupõe que o bebê seja o objeto de desejo da mãe (ou substituta), favorecendo a passagem da libido narcísica para a libido de objeto.

Na dualidade pulsional sexual (libido objetal) e autoconservação (narcísica), Freud também distribuiu a libido nessa concepção, ao observar que as condições de dor ou de sono causam a retirada dos interesses libidinais dos objetos em direção ao próprio eu do indivíduo. Coloca que o sujeito “enquanto sofre, deixa de amar” (FREUD, 1914, p. 98). Freud buscou compreender o motivo que se torna necessária à vida mental essa passagem do narcisismo às ligações objetais, e como causa dessa necessidade o excesso de uma certa quantidade de catexia do Eu com a libido. Surgiria, assim, com esse excesso, uma tensão que dá origem ao desprazer psíquico, “forçando a ultrapassagem das fronteiras do narcisismo em direção a depositar parte dessa libido nos objetos” (PAIM, 2008, p. 27).

Um aparelho reconhecido para controlar as excitações é o aparelho psíquico, regulando-as com o propósito de evitar o desprazer. Por esse processo, pode-se ocorrer um escoamento das excitações que não podem sofrer descarga direta para

fora, não desejável em certo momento. Dessa forma, observa-se o alívio das tensões.

Em seu estudo sobre o narcisismo, Freud (1914) salientou que a escolha de objeto nas crianças está ligada às suas experiências de satisfação, onde as pulsões sexuais inicialmente estão ligadas à satisfação das pulsões do eu, tornando-se independentes mais tarde, mantendo algo dessa vinculação original com a autopreservação, que se mostra nos primeiros objetos sexuais da criança como as pessoas responsáveis por seus cuidados, originalmente a mãe. Define dois tipos de escolha objetal: como este acima descrito como anaclítico ou de ligação, no qual o narcisismo infantil é transferido para o objeto; o outro tipo de escolha é o chamado narcisista e funda-se na escolha do sujeito como modelo no seu próprio eu, ao invés de sua mãe. Este tipo de escolha é decorrente de alguma perturbação no seu desenvolvimento libidinal. “Se considerarmos que Narciso era filho de uma ninfa d’água, pode-se perceber que o objeto que reside no interior do sujeito é a sua própria mãe” (PRADO, 1988, p.35).

Depois que Freud conceituou o complexo de castração, inferiu ter havido uma época e uma determinada situação psíquica em que as pulsões libidinais e as pulsões do eu estavam misturadas em uníssono. Com a divisão da libido narcisista em libido objetal, mais tarde, torna-se possível o investimento no objeto, definido assim a diferença entre estado auto-erótico do estado narcísico.

Freud conclui que o tipo de escolha narcisista de objeto implica que a pessoa pode amar a ela mesma na forma como ela própria é, foi ou desejaria ser, ou outro que foi uma vez parte dela mesma. Ou, se o tipo de escolha de objeto é anaclítica, o sujeito pode amar a mulher que o alimenta ou o homem que o protege. Dessa forma, em seu estudo, Freud nos leva na compreensão das escolhas de objeto, seguindo o caminho das primeiras relações da criança com seus pais ou cuidadores, que servirão como modelo na vida adulta para essa escolha de seus objetos, através de um deslocamento metonímico, ou seja, uma parte representando um todo. E essa será a trama do sujeito, tendo como papel central, essas relações estabelecidas e vivenciadas pela criança.

A teoria da libido pode nos explicar o motivo que fazem com que experiências e impressões possam ser desenvolvidas conscientemente por alguns e abafadas ou deletadas da consciência por outros. Isso mostra a fixação de um ideal, a partir do qual é medido o eu na realidade do indivíduo. Nos sujeitos fora de quadros

patológicos, adultos normais, podemos observar em destaque a antiga megalomania e uma exclusão das características do narcisismo infantil. O eu ideal infantil está na dimensão de valor, a perfeição narcisista infantil, que sofre perturbações exteriores, repressões, normalmente dos pais, educadores ou demais pessoas do ambiente, chegando à opinião pública e, também, do próprio interior do sujeito, pelo seu próprio julgamento sendo desenvolvido, das fases posteriores do desenvolvimento psíquico. Esses agentes de censura funcionam como representações éticas e morais. Em substituição a esse narcisismo infantil perdido por essa repressão, pelo respeito que o *eu* passa a ter por si mesmo, surge o ideal do eu, o supereu, trazendo as exigências do eu impostas pela consciência moral, formando-se assim, de um forte fator na elaboração da repressão. A repressão executa uma ação alienante pela qual os desejos são expulsos do âmbito consciente, ficando latentes, porém procurando alguma forma de voltar à consciência.

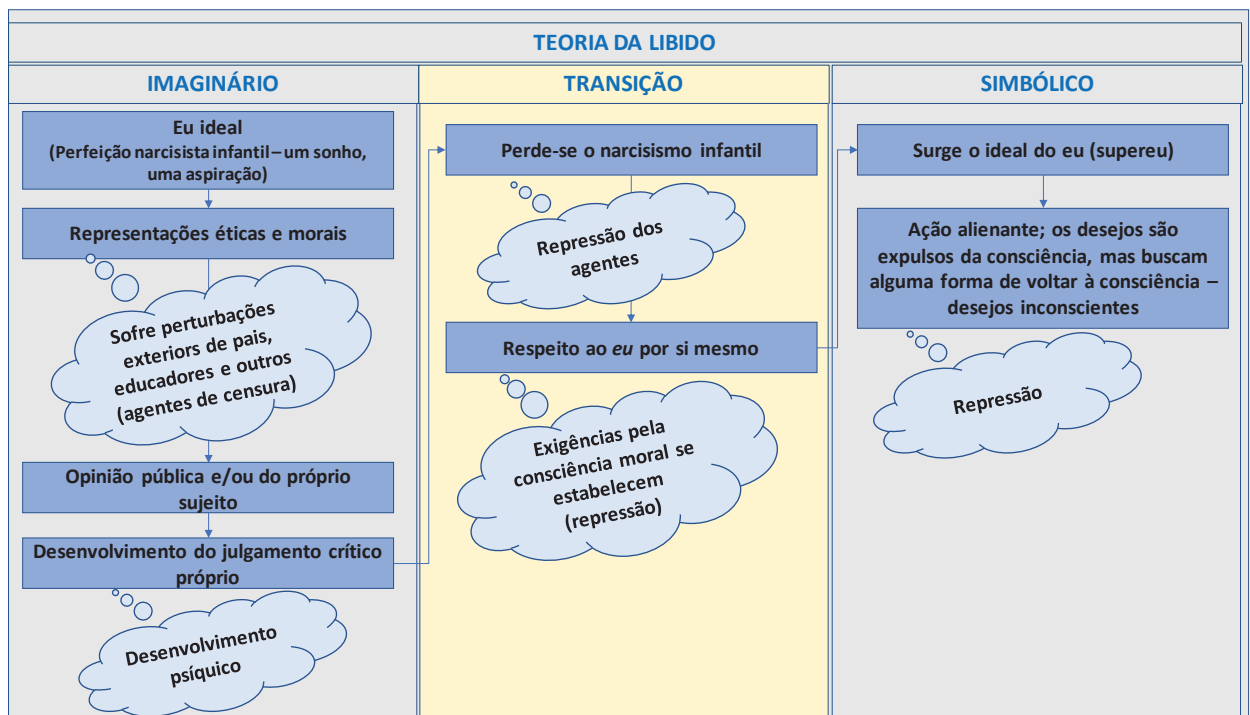


Figura 2 – Fonte: Mulher@Desejo – PAIM (2008)

Entre a relação de auto-estima e as catexias libidinais, a repressão tem um papel fundamental no que diz respeito às relações amorosas. A auto-estima é resíduo do sentimento original e primitivo de onipotência, e terá sido confirmada pela experiência, tudo o que a pessoa possui ou realiza. A auto-estima depende da libido

narcísica, o que determina sua redução diante do sentimento de não ser amado e seu aumento, no sentimento contrário. Portanto, a finalidade e satisfação de uma escolha de objeto narcisista se dá pela busca de acréscimo de auto-estima. Num sentido oposto, a catexia objetual libidinal pode reduzir a auto-estima pela dependência do objeto. “Uma pessoa apaixonada é humilde” (FREUD, 1914, p.116) ou “[...] em outras palavras, quando se está apaixonado, se é louco, como diz a linguagem popular.” (LACAN, 2009, p. 189).

Assim, a auto-estima formada pelos resíduos do narcisismo infantil, em parte pela onipotência pela realização do ideal do eu, e de outra pela satisfação da libido objetual, que passa pela imposição de duras condições pelo ideal do eu, operam através da repressão. A escolha objetual do sujeito será do tipo narcisista, dirigindo a libido do eu em direção ao objeto, que passa ao estatuto de um ideal sexual.

3.2 DO EU IDEAL PARA O IDEAL DO EU

Entendemos como *eu* a “representação complexa que o sujeito faz de si mesmo, ou de um complexo de representações cuja fonte última são as imagens provenientes das impressões externas” (GARCIA-ROZA, 2000, P. 49). Para Freud, uma unidade, comparável ao *eu*, não está presente desde o começo. Entende-se por unidade um conjunto de representações. À representação inicial, que corresponde ao Estágio do Espelho, captação da imagem unificada de si mesmo, experiência que Lacan aponta, a essa representação inicial somam-se outras que vão formar o que Freud conceituou como “sentimento-de-si” (*Selbstgefühl*), que faz parte da imagem corporal.

O *eu* diz respeito à economia libidinal, às séries de sensações de prazer e desprazer e às representações unidas a essa economia, enquanto que o sentimento-de-si está ligado à vida de relação do indivíduo e à sua autoconservação. O eu não está presente desde o início da série de prazer ou desprazer. A sexualidade não tem a sua origem no biológico. Se o pulsional é um “desvio”, é certo que não o é do biológico. O pulsional é desviante em si mesmo, desvio tido como original.

As pulsões auto-eróticas já estão presentes, não unificadas, produzindo satisfação local. Essas pulsões investem representações, tentando reproduzir a

satisfação obtida um dia quando da presença do objeto real. A ação de sugar o dedo é regida por uma busca de um prazer já vivenciado e agora, recordado (sugar o seio). O sexual é a repetição infundável cujo primeiro termo é a experiência primária de satisfação. Uma condição para essa repetição, diz Freud, é que objetos que outrora trouxeram satisfação real tenham sido perdidos – perda do objeto *a*. Não há objeto primeiro, objeto absoluto em relação aos qual os demais objetos são simples representações, cópias degradadas. O primeiro objeto já se forma como uma representação marcada por um vazio central, que bloqueia que seja identificado como a coisa (*das Ding*). É nesse sentido que se diz que o “objeto perdido” não foi perdido porque nunca foi tido.

O *eu* do estágio do espelho de Lacan, significando o real da organização psíquica, é uma organização complexa relacionada a imagem corporal, conferindo uma unidade inicial de representações dispersas, *eu* original que permite a passagem do auto-erotismo para o narcisismo. A imagem corporal não é a única que dá forma ao *eu*. É a primeira, porém não é a definitiva.

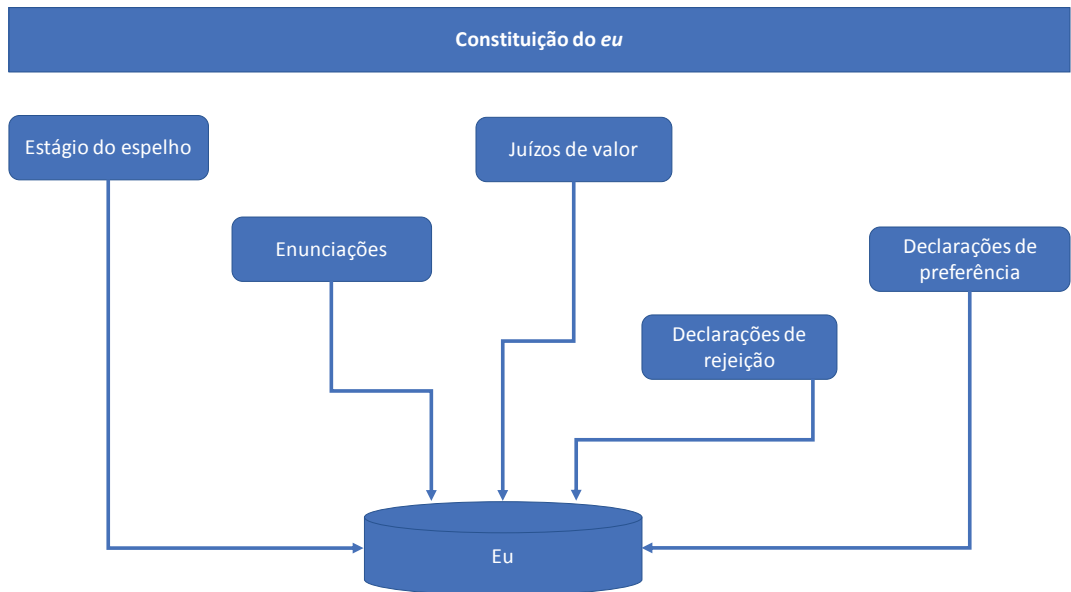


Figura 3 – Fonte: GARCIA-ROZA (2000)

O *eu* ideal é a imagem do *eu* com todas as perfeições, sobre o qual recai o amor de si mesmo, que na infância gozou do *eu* real. Existe, assim, um *eu* original (*Ur Ich*), primitivo, forma primeira do *eu* ideal e do ideal do *eu*, que é constituído pela imagem refletida que o indivíduo tem de seu próprio corpo, e um *eu* ideal que vem a ser a imagem idealizada do *eu*. Essa imagem é constituída pela projeção dos pais,

fazendo ressurgir o narcisismo que eles próprios tiveram que abandonar por exigência da realidade. Essa imagem é a “majestade o bebê”, efeito do discurso dos pais, onde a criança passa a ter direito a tudo a que os pais tiveram de renunciar. Efeito do discurso parental, inicialmente, sendo o eu ideal que abandona qualquer forma de consciência crítica para produzir então uma imagem idealizada. O eu ideal permanece, transformado e acrescentado na vida adulta.

O ideal do eu (*Ideal Ich*) aparece como uma nova forma que toma a libido narcísica e é algo externo ao indivíduo, que são as exigências que ele terá que satisfazer e que se situam no lugar da Lei (simbólico). Lacan diferencia o eu ideal do ideal do eu, mencionando que “um está no plano imaginário, o outro no plano simbólico” (Lacan, 2009, p. 179).

Freud (1914) distingue esse deslocamento da libido para a nova forma do ideal do eu sob o título de sublimação, que é um processo onde a libido de objeto encontra satisfação em um objeto não sexual. A idealização, ao contrário, é um processo que envolve o objeto sem modificar sua natureza, sem substituir um objeto sexual por outro não sexual, sendo possível ocorrer tanto na libido do *eu*, quanto na libido de objeto. A partir do conceito de narcisismo, Freud aponta que próprio biológico é erotizado. Desta forma, podemos compreender um conceito como o de pulsão de autoconservação e sua não identificação pura e simples com a noção de instinto.

Caímos na questão do que é o lugar de fora, do externo, quando falamos de objetos externos. É o lugar do simbólico, fora do imaginário e lugar das exigências da lei. A ligação simbólica é o modo como os indivíduos humanos se situam uns em relação aos outros, sendo responsável pela estruturação do imaginário.

Não existe nada na pulsão sexual que se possa considerar indicativo, seja do objeto sexual a ser buscado, ou do alvo a ser atingido, pois a sexualidade humana é errante. Se alguma ordem for definida como sexual, será uma ordem a ser constituída, e não uma ordem já inscrita no pulsional.

A palavra vem então como estruturadora e valorada como exterior, para Freud. Tanto o eu ideal, quanto o ideal do eu são efeitos da palavra do outro, do discurso do outro. “É o outro enquanto falante, o outro enquanto tem comigo uma relação simbólica” (LACAN, 2009, p. 189).

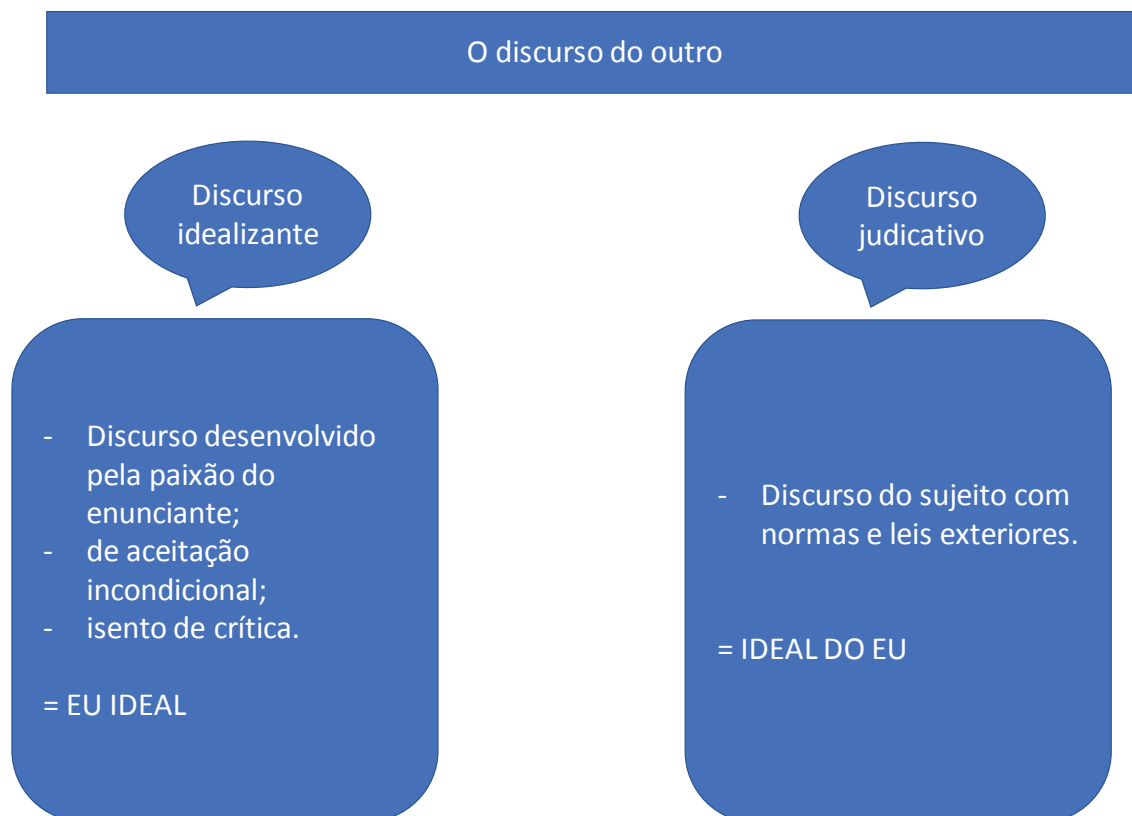


Figura 4 – Fonte: GARCIA-ROZA (2000)

Um ponto que foge à regra e pode causar confusão é o caso da relação amorosa. Apesar do ideal do eu estar no lugar do simbólico, e resultar numa relação sublimada, o eu ideal é predominantemente imaginário e marcado pela idealização. A característica predominante da relação amorosa é estar no imaginário e, por consequência, provocar uma obscuridade no simbólico. Perturba-se, assim, a função do ideal do eu, enquanto função crítica e reabre portas à idealização e à imagem perfeita do eu ideal. O funcionamento e regulação do aparelho psíquico é seriamente perturbado, pois tudo o que ocorre neste aparelho é disseminado pela linguagem. O amor seria, dessa forma, um tipo de loucura, colocando o ideal do eu em espera e com a diminuição da sublimação e do recalçamento, em favor da idealização.

Tudo o que acontece no aparato psíquico do sujeito é mediatizado pela linguagem, incluindo-se, sobretudo, o próprio desejo. Se nossa experiência é imaginária, é o simbólico que, ao descobri-la, a regula e confere-lhe sentido e, segundo Lacan: “a função simbólica constitui universo no interior do qual tudo o que é humano tem de ordenar-se” (LACAN, 2010, p.47).

No nível simbólico, encontramos o ideal do eu, que faz a intermediação com os outros, é o que marca uma perspectiva futura daquilo que o sujeito pretende alcançar, para reencontrar o eu ideal, perdido pela intervenção da repressão. O eu ideal baseia-se numa formação narcísica, caracterizando um sonho ou mesmo uma aspiração e se encontra no imaginário, remetendo-se ao passado, na ilusão de reencontro consigo mesmo, na relação de completude antes da marca da primeira ferida narcísica. Pode-se produzir no eu ideal o engodo no qual o objeto se equivale à imagem pela captação narcísica, onde o bebê pode ocupar esse lugar de engodo. Para Lacan, “É o seu próprio eu que se ama no amor, o seu próprio eu realizado ao nível imaginário [...] o amor reabre a porta à perfeição” (LACAN, 2009, P.189).

É a palavra que ordena e regula o imaginário, porém é ela também que faz com que esse imaginário seja fixado numa rede significativa que não tem início nem fim, cujos significados são posteriores e não anteriores aos significantes, de modo que o objeto escolhido, sexual ou do desejo, é passível de uma transformação infundável.

Uma comparação com o mundo animal, onde o sexual refere-se a um objeto, a uma imagem, no mundo humano o sexual liberta-se do biológico e submete-se à linguagem. Produz-se dessa forma objetos fantasmáticos, que desconsideram qualquer tentativa de explicação dos atos humanos em se tratando de adaptação.

3.3 PULSÃO DO OLHAR

O conceito de pulsão está diretamente ligado aos conceitos de libido e narcisismo, tratando-se de uma convenção ou de uma ficção teórica, como são os conceitos fundamentais de qualquer ciência. A característica principal da pulsão é explicar melhor a realidade, constituí-la; esses conceitos não são retirados da realidade a partir da observação, mas criados com a finalidade de constituir uma nova inteligibilidade.

A pulsão, especificamente a pulsão sexual, faz sua entrada conceitual na obra de Freud (1901-1905) *Três ensaios de teoria sexual*, postulando que a pulsão se situa na fronteira entre o anímico e o que é do corpo, como um representante psíquico. Em um segundo momento, em seu trabalho *Pulsão e seus destinos*, de 1915, Freud conceitua as pulsões como fontes de estímulo localizadas no interior do

corpo e como uma força constante (*Konstante Kraft*). No aparato psíquico, existem estímulos provenientes de fontes exógenas e de fonte endógena, sendo as primeiras como forças momentâneas, removidas através de uma ação; são aquelas que vêm através do mundo externo, dos órgãos dos sentidos; enquanto que as de força endógena, que atuam dentro do próprio corpo, agem como uma força constante, contra a qual a fuga não tem eficácia.

Freud (1915) apresenta o conceito de pulsão em quatro termos: pressão (*Drang*), fonte (*Quelle*), objeto (*Objekt*) e alvo (*Ziel*), no qual faz a montagem desse conceito. Podemos entender pressão por “elemento motor, a soma de força ou a medida de trabalho que ele representa” (FREUD, 2010, p. 57). Toda pulsão é uma porção de atividade, mesmo quando apresentamos as pulsões passivas, estamos nos referindo a pulsões com meta passiva. A satisfação é sempre a meta da pulsão, que pode ser alcançada apenas pela supressão do estado de estimulação na fonte da pulsão. Vários caminhos podem conduzir para uma mesma meta final, porém a meta final é imutável. Existem os casos de pulsões “inibidas na meta”, que ocorrem quando processos são permitidos por um trecho de caminho, sempre em direção à meta de satisfação, mas que passam por algum tipo de inibição ou desvio. “A meta que cada um deles [pulsões sexuais] procura atingir é o *prazer do órgão*” (FREUD, 2010, p.63). O objeto de uma pulsão é o meio, o “como” a pulsão pode alcançar sua meta. Não é necessariamente um objeto estranho, mas é uma parte do próprio corpo. Freud nomeia de fixação quando há uma ligação estreita entre a pulsão e o objeto. O processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na psique chama-se fonte. Muitas vezes, pode-se inferir na fonte de uma pulsão a partir de suas metas, não se tratando de algo necessário para uma investigação psicológica.

A experiência de Freud, através de suas observações, nos ensinou a reconhecer como destinos das pulsões: a) a reversão no contrário; b) o voltar-se contra a própria pessoa; c) a repressão; e d) a sublimação. Exemplos de reversão no contrário estão os casos que serão mostrados nesse estudo, que são os pares de opostos sadismo-masiquismo e voyeurismo-exibicionismo. A reversão entende-se apenas como meta da pulsão e substitui-se a meta ativa (atormentar, olhar, vigiar) pela passiva (ser atormentado, ser olhado, ser vigiado). O exibicionismo, que inclui a contemplação do próprio corpo, o que nesse estudo entendemos como a autopromoção ou a *self* do sujeito, é sugerido como a *volta contra a própria pessoa*.

No caso das pulsões que possuem a meta olhar e mostrar-se (voyeur e exibicionista), estabelecem-se os estágios:

- a) Olhar como atividade endereçada a um outro objeto;
- b) o abandono do objeto, a volta da pulsão escópica para uma parte do próprio corpo, e com isso, a reversão em passividade e a constituição da nova meta, que é ser olhado;
- c) a entrada de um novo sujeito, ao qual o indivíduo se mostra, para ser olhado por ele.

Teoricamente, as pulsões e seus destinos apresentam-se como:

a) a transformação em seu contrário, em dois processos distintos – no redirecionamento de uma pulsão da atividade para a passividade, que são os pares de opostos: sadismo e masoquismo, e escopofilia e exibicionismo. A transformação em seu contrário refere-se às metas das pulsões: atividade / passividade. O outro processo é a transformação do amor em ódio, que é a inversão do conteúdo;

b) o redirecionamento contra a própria pessoa, processo que se dá a troca de objeto sem a alteração da meta. Neste destino, encontramos o masoquismo, que é tomado como um sadismo contra o próprio corpo, resultando no compartilhamento do gozo, assim como o exibicionista desfruta seu próprio desnudamento;

c) o recalque, onde as resistências operam para impedir uma ação de uma pulsão que, se satisfeita em direção ao prazer, seria incompatível com outras exigências e propósitos, criando assim, desprazer. O recalque tem como fundamento repelir algo para fora do consciente e mantê-lo afastado deste;

d) sublimação, que ocorre na libido objetal e resulta na troca de meta de uma pulsão, pela repressão, desviando-a do que é sexual como fonte de satisfação.

A lógica desses tempos do funcionamento psíquico, nos mostra que o destino das pulsões sexuais são sempre os mesmos: elas sempre irão se deparar, no caminho do seu alvo ideal, com a oposição das pulsões do *eu*, ou seja, com o obstáculo do recalque. Porém, além do recalque, o *eu* opõe dois outros obstáculos às pulsões sexuais: a sublimação e a fantasia.

Quanto à fase preliminar da pulsão escópica, na qual o prazer de olhar tem o próprio corpo como objeto, que ela pertence ao narcisismo, que seria uma formação narcísica. Na pulsão de olhar há um estágio anterior ao se exercer o poder tendo outra pessoa como objeto, pois a pulsão de olhar é auto-erótica no começo de sua

atividade, pode ter um objeto, mas encontra-o no próprio corpo. Somente depois ele é levado, pela via da comparação, a trocar esse objeto por um similar do corpo alheio. Essa etapa auto-erótica preliminar é importante, porque dela derivam as duas situações do par de opostos resultante, conforme a mudança ocorra num lugar ou no outro. Todas as fases de desenvolvimento da pulsão de olhar, tanto a fase preliminar auto-erótica como a forma final ativa e passiva, subsistem uma ao lado da outra, e essa afirmação se torna visível ao nos basearmos em nosso julgamento, ao invés das ações da pulsão, o mecanismo da satisfação.

A definição de Freud (2010, p.70) tem seu espaço, então:

Habitamo-nos a chamar de narcisismo, sem por inicialmente em discussão o nexos entre autoerotismo e narcisismo, a fase inicial de evolução do eu, durante a qual as pulsões sexuais têm satisfação erótica. Então temos que dizer, sobre o estágio preliminar da pulsão de olhar, em que o prazer de olhar tem o próprio corpo como objeto, que ele pertence ao narcisismo, é uma formação narcísica. A partir dele se desenvolve a pulsão ativa de olhar, à medida que abandona o narcisismo, mas a pulsão passiva de olhar se atém ao objeto narcísico.

A substituição de um alvo sexual por outro não sexual é chamada de sublimação e será bem-sucedida apenas se houver a interferência do *eu* narcísico, ou seja, se obtiver sucesso em retirar a libido do objeto sexual e fazê-la retornar a si mesmo. Na atividade artística, através da satisfação narcísica obtida pelo artista, há um favorecimento da atividade criadora dando lugar a uma satisfação sublimada. Enquanto sublimação diz respeito à pulsão, a idealização refere-se ao objeto, porém a formação de um ideal do eu se confunde com a sublimação. O ideal do eu é o incitador ou desencadeador da sublimação, mas não seu executor.

O ideal do eu é algo externo ao sujeito, implica uma mudança do plano imaginário do sujeito para o plano simbólico. O desenvolvimento do eu implica um distanciamento em relação ao narcisismo primário e isso ocorre pelo deslocamento da libido para um ideal do eu imposto de fora (simbólico). Esse guia externo do sujeito funciona como gatilho do processo de sublimação, através dos ideais simbólicos que fornece para o sujeito. O ideal do eu desencadeia o processo de sublimação, como também indica a direção do processo, o desvio do curso pulsional original da meta sexual para uma não sexual. É nessa medida que a sublimação se faz sem recalçamento.

A fantasia é um fenômeno da vida psíquica, sendo um dos destinos da pulsão, interior do sujeito, que se torna onipresente, sem o sujeito se dar conta, interferindo entre os seres humanos e a realidade imediata.

O voyeur é o sujeito que olha e, ao mesmo tempo, espera ser descoberto e goza tanto com o olhar, quanto com a dor da humilhação. Com essa humilhação diz-se que só existem voyeur masoquistas. Neste ponto, a diferença entre o olhar do perverso e do neurótico é colocada. Os neuróticos sonham e fantasiam ser perversos, sem realmente se tornarem a sê-lo. O neurótico experimenta essas fantasias perversas; o perverso põe em ato essas fantasias, mas sem poder realizá-las, até o fracasso humilhante.

Quando o voyeur goza com o olhar ou sofre humilhação, seu corpo está em tensão máxima e se degrada até perder tudo. É como se seu corpo não estivesse ali. Quando olha, perde a visão e, quando suporta esse fracasso, perde a sensibilidade de ação de seu corpo, produzindo um desligamento. O corpo perder o olhar, a sensibilidade, a dor, a voz, os excrementos e tudo o que elimina nesse gozo em atividade. É no momento da humilhação que o voyeur é o desejo da operação por ele comandada.

O sujeito faz-se olhar no ponto cego, se fazendo de objeto; ele consegue os olhares até transformá-los em objeto perdido. É por isso que espera e goza da espera de descobrir e de ser descoberto. O desejo do Outro torna-se puro objeto, um puro olhar, apenas olhar. Na fantasia, o sujeito é o objeto, puro olhar, sob a condição de que o desejo do Outro se o torne também. O exibicionismo inclui a contemplação ao próprio corpo. O narcisista frui da fúria contra o seu desnudamento. Aquilo que o sujeito olha, contempla, enxerga o brilho, em volta do qual a pulsão faz a volta e assim é a causa de desejo para quem cai na sua armadilha, uma armadilha do olhar.

Mais do que uma questão da massa, o fenômeno do mostrar costuma ser uma insularização, afastando-se do laço social, no qual o sujeito mostra e o que busca é esse olhar, uma aprovação com legitimação, que se pode traduzir no “*eu existo*”. O que busca o sujeito é o olhar do outro, seu apoio, um reforço a sua individualidade que, apesar de poder estar cada vez mais presente e mais arrogante, está mais fraca. Essa imagem requer esse apoio do outro, esse olhar, para a afirmação de existência do sujeito. É como se, enquanto o outro não diz ao sujeito que ele existe, este ainda duvida de si mesmo ou que não tem valor. O outro

pode ser sempre desafiante e pode levar o sujeito à transformação e à confirmação de que o mesmo existe e que é bom, como uma celebridade em potencial.

O narcisismo pressupõe sempre uma ação inter-subjetiva desde o início, uma vez que o seu *eu* se define por uma identificação com a imagem de outro, inicialmente a mãe ou substituto(a), ficando implicado, assim, ao narcisismo a interiorização dessa relação. Define-se como narcisismo nada mais além de uma “identificação narcísica”.

4 O GRANDE OUTRO E O LUGAR DA *INTERNET*

O texto do grande Outro de Lacan (1955) se inicia com uma pergunta metafórica: “Por que os planetas falam” (LACAN, 2010, p.318). E um eminente filósofo conhecido responde que os planetas não falam porque não possuem boca. Com sua inquietude com relação a resposta dada pelo colega, Lacan remonta a questão para a questão do outro.

A relação de satisfação do sujeito com a satisfação do outro sempre está em causa, quando se trata do homem. Trata-se do mesmo outro que o *eu*, sua imagem. Existe uma diferença entre a não satisfação do *eu* e a satisfação suposta do outro. Não há imagem de identidade, porém há a relação de alteridade fundamental. Deve-se distinguir o outro como dois: um com A maiúsculo, denominado de Outro e; outro com a minúsculo, que é o *eu*. O Outro é da ordem da fala.

Encontramos no texto uma analogia do dizer das velhas senhoras em clínica “não tenho boca” com a síndrome de Cotard, ou delírio de negação, no qual estão mortas e não podem mais morrer, sendo imortais, como o desejo. Essas velhas senhoras ou qualquer sujeito com a síndrome se identificam a uma imagem, à qual falta toda e qualquer hiância, uma abertura, toda e qualquer aspiração, todo vazio do desejo, designando a boca.

Lacan (1955) utiliza o esquema em z para situar os problemas levantados pelo *eu* e o outro, pela linguagem e a fala. O *eu* é uma construção imaginária. O sujeito analítico não é total, porém é organizado pela sua abertura. E por essa abertura, o sujeito se vê em *a*, e por isso, tem um eu numa relação imaginária. O *eu* é uma forma fundamental para a constituição dos objetos. É através da forma do outro no espelho que o sujeito vê aquele que, por estrutura, é seu semelhante. Essa

forma do outro possui estreita relação com o *eu* e Lacan a escreve como *a'*. Pode-se acreditar que ainda existam outros sujeitos, que não nós, com relações intersubjetivas. Há o endereçamento de A_1 , A_2 , que se trata daquilo que não conhecemos, verdadeiros Outros. Estes sujeitos estão em outra ordem que não a da linguagem, são eles que o sujeito pronuncia por uma fala verdadeira, porém que se alcança, por reflexão, sempre *a'* ou *a''*. “O sujeito está separado dos Outros, os verdadeiros, pelo muro da linguagem” (LACAN, 2010, p. 331). A linguagem faz com que possamos nos basear tanto no Outro, quanto para nos limitar em entender o sujeito e isso é que trata a experiência psicanalítica.

Para Lacan (1955), o sujeito não sabe o que fala, não sabe o que é, porém ele se vê. Ele se vê do outro lado, de maneira imperfeita, pelo caráter do seu modelo especular, que é imaginário e ilusório. O que falta ao sujeito são as formas despedaçadas, despedaçadoras, daquilo que se desconhece. O desejo dele é o de se juntar todas essas formas, de se integrar, que é uma forma de se integrar pelo imaginário e pelo pré-genital. O que ocorre, portanto, é que essa consumação desses objetos parciais se faz por influência da imagem do outro. Conclui-se que o *eu* só se une a si mesmo e recompõe-se por meio do outro, que o sujeito tem diante de si.

O reencontro desse sujeito com o seu próprio *eu* imaginário se dá pelo trabalho do analista. A intervenção analítica é dada como um encontro do *eu* com o *eu*, como uma projeção pelo analista de objetos específicos, fazendo com que o sujeito passe de uma realidade psíquica a uma realidade verdadeira. Na análise é que se permite ao analista trabalhar por identificação ao dar ao sujeito seu próprio *eu*. Esse é o ideal da análise, que é virtual, no qual não existe nunca um sujeito sem um eu, sujeito plenamente realizado, mas é o que se deve obter do sujeito ao ser analisado. Essa análise deve ter por objetivo a fala verdadeira do sujeito, sendo a relação deste com um Outro verdadeiro, um Outro que dá a resposta esperada, que coloca o ponto final da análise. O progresso da análise visa uma mudança na relação em que o sujeito pode apreender, na linguagem, na análise e na transferência. “Trata-se de o sujeito descobrir progressivamente a que Outro ele verdadeiramente se endereça” (LACAN, 2010, p.334).

O narcisista, no mundo virtual, assimila como o grande Outro a tela, a dependência com a mesma e com a dependência com o outro, pois ainda não está instaurado o significante. É como se a mãe e a tela superassem tudo. O Outro

também está preenchido e não há a inscrição da falta. Há mais engodo, pois existe algo que fica no imaginário, na fronteira entre o imaginário e a realidade. Essa fronteira pode ser frágil.

A criança que não respeita as leis domésticas, não obedece, vai de encontro à ideia da onipotência, se dá conta de que não é mais um bebê, pois se torna ditador ou se deprime. A tela dos eletrônicos vem para obedecê-la, e é também obedecida. Uma possível solução para a dependência com o mundo virtual na infância são os limites que devem ser colocados pelos pais.

Uma analogia à falta do grande Outro é a questão da presença e ausência, significante dessa falta. Mesmo ausente, a mãe está presente. Pode-se fazer, então, essa analogia virtual com o binário 0/1, mãe ausente; mãe presente, ocorrendo assim, um registro no simbólico: não tenho nada; tenho tudo. A *internet*, de certo modo, atualiza os afetos da infância, na medida que também está submetida às vivências infantis. Descobrir esse outro escondido dentro do Outro pode ser, praticamente, um jogo infantil, que hoje atualiza na *internet*. A *internet*, então, tem uma função especial na facilitação da vivência de uma relação com a presença-ausência do outro de forma peculiar, assim como pode estar servindo como meio de assegurar ao sujeito a vivência do acesso ao outro, no lugar do grande Outro parental, através do olhar internauta desfocado.

4.1 O LUGAR DA *INTERNET*

A *internet* pode ser analisada como um lugar de acesso ao objeto de desejo, como um gozo solitário, no qual o imaginário é o alimento projetado para esse espaço. As referências ao simbólico e real do outro são dispensadas. É um lugar onde as fantasias podem se exercer plenamente. Não há a necessidade de relação com compromisso, senão com os próprios fantasmas, canalizando a um retorno ao próprio auto-erotismo. O narcisismo da *internet* pode visar a entrada a esse estágio, antes da desilusão imposta pela interdição do incesto, no qual o objeto é referido ao sonho e levado à realidade. A *internet* vem se implementar, se situar como o lugar capaz de garantir o retorno à ilusão e a evitação da desilusão.

As regressões narcísicas são o modo de reconstituição do eu, na eminência da impossibilidade de obtenção de prazer ou sucesso, e ocorre quando do fracasso na evolução do sujeito rumo ao distanciamento do estado do narcisismo primário em direção às tentativas de obter novamente o gozo perdido, da experiência inaugural de perfeição relacional com a mãe). Tais questões se dão através dos investimentos nos objetos e da tentativa de identificação do sujeito aos ideais. A possibilidade de conceber um valor narcísico para o eu, através das identificações e da conquista dos ideais, exige do sujeito a habilidade de adiamento e rodeios, desde a origem da pulsão até a execução e obtenção do prazer. Os sites de relacionamentos e as redes sociais da *internet* podem facilitar, desta forma, uma oferta fantasiosa de obtenção imediata de prazer. O outro está ali pronto para ser descoberto. Diante de um possível fracasso do sujeito em tentar obter o gozo ou o sucesso, a *internet* se coloca como um suporte de uma regressão narcísica, podendo funcionar como mecanismo de reconstituição do eu.

Para Paim (2008), a *internet* oferece a realidade esvaziada de sua substância, sem o “núcleo duro e resistente do Real. A realidade virtual pode ser sentida como a realidade sem o ser”. A *internet* facilita a ilusão, permite uma falsa mensagem como lugar do real, e permite ainda, a verdade fascinante do imaginário. O fascínio e a sedução são desvios da verdade, e sabe-se pela psicanálise, só é possível se viver uma verdade alterada, que é a do Outro, insuportável enquanto verdade, pois a mesma não existe.

O que é aquilo que está presente, mas ao mesmo tempo não está? O que é a realidade e o que não é? O contato virtual, sem o contato real, é mais autocentrado, uma simulação do real. Uma possibilidade é a ocorrência da venda de uma vida que não é real, aparentando ser o que não é do sujeito ou que se isola em seus afetos. Se o sujeito não gosta de uma determinada frase, ou comentário, ele pode bloquear seu “amigo”, exercendo o seu narciso inteiramente, sem o risco de ouvir algo desagradável, sem enfrentamento físico.

A sociedade contemporânea trouxe novos objetos de desejo, novas formas para o corpo, novos aparelhos e trouxe também a possibilidade de que os desejos possam não se frustrar. E este pode ser o caso da tecnologia e sua contribuição acontece quando se defronta com uma tela, nas redes sociais, e se mantém uma conversa com um outro que se pode desejar, sem ver na realidade e sem tocá-lo. A tecnologia pode iludir, trazendo para perto do sujeito os objetos de desejo, sem o

risco de que o desejo acabe. O ser humano de hoje possui a necessidade de se construir uma virtualidade em relação a uma vida desejante, projetada, no entanto, essa vida é apenas uma projeção, sem uma base concreta.

Pode-se definir como um fenômeno novo a espetacularização de si mesmo, que é articulada, que recorre aos meios virtuais do mundo contemporâneo, que demanda do ser humano a capacidade de se vender. Esse mundo virtual, contemporâneo, altamente imediatizado, é atravessado pelo mercado, e que, no séc. XXI demanda a capacidade de tratar o ser humano como produto. Demanda-se e precisa-se, assim, da aprovação do outro, a partir desse olhar, na tentativa de preenchimento de um vazio, de uma falta. No relacionamento virtual, mais precisamente nas redes sociais, pode-se observar esse fenômeno de aprovação nos chamados *likes*, nos comentários, nas quantidades de seguidores e nesses indícios quantificáveis, para que se avalie o valor do *eu* exposto. A aprovação passa a ser então, um parâmetro de mercado, das pesquisas, das mídias, do espetáculo. Nesse mercado, encontram-se produtos prontos para a resolução do sentimento de isolamento, tais como os *likes*, os seguidores, uma *selfie* bastante curtida e ou algo muito comentado. Quem não é notado e não aparece, tem-se a impressão que não existe.

Esse individualismo, ao invés de estar mais apagado ou diluído nas redes sociais, está reforçado: cada um tem que se mostrar, cada um tem que ser mais sedutor, conquistando mais o olhar do outro, por meio de suas imagens e relatos. A *internet* e suas tecnologias são multifacetadas, com conexões imediatas, de acordo com o desejo do sujeito; por outro lado, elas podem deixar o sujeito forjar um mundo dentro de seu próprio castelo narcísico. As redes sociais também possuem a possibilidade de dissimulação, podendo se disfarçar uma série de angústias, as quais são colocadas no cotidiano do ser humano. O apressamento e imediatismo do mundo virtual pode levar a perturbar a capacidade de meditação e reflexão do ser humano. O que o sujeito necessita deve estar à disposição imediatamente. As pessoas não conseguem mais ficar sozinhas, pois precisam estar conectadas o tempo todo. Caso não consigam, isso pode gerar desespero, angústia.

O imediatismo pode retirar da criança algo muito importante: o tédio. O apressamento pode retirar a capacidade de invenção. As crianças da atualidade possuem muitas atividades motoras e intelectuais e, quando lhe é sobrado um período sem essas atividades, procura a *internet*. Ao se ocuparem de maneira

constante, nunca podem ficar sem ter o que fazer. Deve-se dar satisfação de suas atividades, ou se preocupar o tempo todo com o que fazer e isto pode gerar ansiedade.

O futuro da *internet* é algo imprevisível. Não se pode prever o que irá acontecer. Assim como a televisão foi uma ameaça ao indivíduo, no seu surgimento, ou a rede social Orkut, ou o jogo Pokémon se tornaram obsoletos ou nem existem mais. O motivo é que todo conteúdo virtual é orgânico e corresponde às necessidades de mercado, o qual deve criar obsolência, pois a característica básica do mundo do consumo é desejar sempre mais e mais novidades.

Nessa medida, a *internet* pode ser considerada como um lugar onde o sujeito contemporâneo estabelece relações narcísicas pelo modo como opera suas relações nas redes sociais. A cultura contemporânea, pela análise das novas formas relacionais estabelecidas na *internet*, pode ser tomada como uma cultura narcisista. O sujeito, se deparando com as questões de seu tempo, decorrentes dos processos de sexualização impostos ao corpo social, das grandes mudanças e deslocamentos dessas formas de relacionamento, elabora como forma de continuidade a aposta no relacionamento virtual, ao qual lhe assegura um refúgio, mantendo ainda algo do individualismo.

5 O MUNDO VIRTUAL E SEUS RELACIONAMENTOS

No trabalho *O Mal-Estar na Civilização*, Freud (1930) enfoca sua teoria sobre o sofrimento em três aspectos: a prepotência da natureza; a fragilidade de nossos corpos; e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade. Nos dois primeiros casos, não há maneira de controlarmos a natureza e nosso organismo, sendo inevitável o sofrimento. A terceira fonte de sofrimento, a social, é paradoxal, pois as próprias instituições sociais que o ser humano cria não são capazes de trazer bem-estar. Freud suspeita que neste ponto há um tanto de natureza indomável.

A afirmação de Freud, “boa parte da culpa por nossa miséria vem do que é chamado de nossa civilização” remete a pensar que o sujeito poderia ter mais felicidade se o Homem retrocedesse às condições primitivas. “Tudo aquilo com que nos protegemos da ameaça das fontes do sofrer é parte da civilização”. (Freud, p.44)

Não é condição única de felicidade humana o poder sobre a natureza, assim como os esforços culturais não são o único objetivo para essa condição. Os progressos da tecnologia possuem, talvez, algum valor para a economia da nossa felicidade. A tecnologia pode trazer um modelo de “prazer barato” como se fosse algo momentâneo, passageiro ou mesmo irreal.

A comparação entre o homem atual e o homem primitivo leva a pensar que o ser humano não se sente bem em nossa atual civilização, porém é difícil julgar se o homem primitivo também o era, e que papel as suas condições culturais desempenharam nisso. Entende-se como condições culturais todas as atividades e valores que são úteis para o ser humano, inclusive a tecnologia.

Como instrumento, a tecnologia é considerada como aperfeiçoador de aquisição de cultura. Freud (1930), coloca: “o ser humano tornou-se uma espécie de deus protético, realmente admirável, quando coloca todos os seus órgãos auxiliares; mas estes não cresceram com ele, e ocasionalmente, lhe dão ainda muito trabalho.” Pode-se ver uma analogia de Freud e as atuais redes sociais, *selfies*, onde há o esforço do sujeito em manter a imagem e conseguir admiração. De acordo com seu texto, Freud (1930, p.52),

Épocas futuras trarão novos, inimagináveis progressos nesse âmbito da cultura, aumentarão ainda mais a semelhança com Deus. Mas não devemos esquecer, no interesse da nossa investigação, que o homem de hoje não se sente feliz com essa semelhança.

Requeremos, ainda, outras coisas da civilização: a beleza, limpeza e sinal de ordem. Comparando-se à imagem narcísica das *selfies*, da beleza, destaca Freud (1930, p.53): “Notamos que a coisa inútil que esperamos ver apreciada na civilização é a beleza. Exigimos que o homem civilizado venere a beleza, onde quer que ela lhe surja na natureza, e que a produza em objetos, na medida em que for capaz e fazê-lo”. Apesar de referir-se à época a jardins de flores, podemos tomar, como o surgimento na natureza, a questão da beleza exposta nas redes sociais e seus relacionamentos. A questão da inutilidade pode parecer como algo corriqueiro, imediato, que pode ser esquecido com rapidez, assim como os comentários, *posts* e *likes* nos relacionamentos virtuais. No que tange à ordem, como uma espécie de compulsão de repetição que se resolve quando, onde e como algo deve ser feito, de modo a evitar oscilações e hesitações, é dada quando o outro, como objeto, deixe seu comentário, um *like*, na mesma rapidez em que algo foi postado. Isso tende a ser imperativo para o narcisista.

As mudanças nas disposições pulsionais humanas, cuja satisfação é a tarefa econômica de nossas vidas, são caracterizadas por um processo na civilização bem peculiar. Algumas pulsões são absorvidas tão bem que, em seu lugar, aparece o traço de caráter do indivíduo. Um exemplo é o que chamamos de erotismo anal da criança, com seu interesse nessa função excretora e seus elementos se transformam no grupo de características da parcimônia, que pode adquirir um marcante predomínio de caráter anal. “A semelhança entre o processo de civilização e o desenvolvimento libidinal do indivíduo tinha que fazer-se evidente para nós” (Freud, 1930, p.59). Quando as pulsões são deslocadas, sofrem repressão ou

supressão, a situar em outras vias as condições de sua satisfação, isso também é um traço marcante da evolução cultural, como é a sublimação. Essa frustração cultural domina o âmbito dos laços sociais dos seres humanos, sendo a causa da hostilidade entre os homens. Ao se privar da satisfação das pulsões, o sujeito pode esperar por graves distúrbios, entre eles, é possível observar o isolamento do laço social.

O desamparo e o pouco desenvolvimento motor com que nasce o bebê e a dependência durante sua infância direcionam a necessidade a outra pessoa, para poder sobreviver. Dessa forma, desde o início e da mão do Outro, o sujeito se encontra na civilização, em uma estrutura de laços que o acolhem e determinam quem ele é. É impossível pensar no sujeito fora da laço social, pois a necessidade de vínculo é estrutural no ser humano.

Com novas formas de conexão, de vínculo entre os sujeitos, como a relação virtual e a comunicação pessoal e instantânea, atualmente, a tecnologia tem forte incidência no laço social e é utilizada para estabelecer e manter este laço.

Existe um ponto na comunicação que é impossível, um resto que não é possível de se colocar em palavras. Esse resto se articula com a angústia, afeto que vem para dar conta da impossibilidade estrutural de satisfação total e completa para o sujeito. A criança, desde cedo, aprende a dar atenção aos momentos de perigo, dos quais se quer resguardar, ao sentir o desprazer frente o qual se sente impotente. Dessa forma, surge a angústia, sendo, portanto, algo desagradável sentido para o sujeito, como algo que acontece no corpo. Freud (1926), em seu texto *Inibição, sintoma e angústia*, caracteriza que a passagem da dor física para a dor psíquica equivale à mudança de investimento narcísico para o investimento objetal. Salienta, ainda, que na dor física, há um forte investimento no local da dor no corpo, investimento esse que se pode chamar de narcísico, que prospera cada vez mais e age sobre o *Eu* de modo esvaziador. “O sujeito tem noção espacial e de outro tipo das partes do corpo envolvidas, ao sentir dor nos órgãos internos, que normalmente não são representadas na imaginação consciente” (Freud, 2014, p.122). O forte investimento direcionado ao objeto que é faltante, algo que está sempre crescendo, elabora as mesmas condições econômicas que o investimento no local ferido do corpo e torna possível anular o pré-requisito da origem da dor.

Com base em Freud (1930), em *Mal-estar na civilização*, ilustram-se os vínculos com outros seres humanos como uma das fontes de sofrimento, junto à

fragilidade do corpo humano e à onipotência da natureza. O mal-estar que advém dessa fonte social é sentido pelo sujeito como o mais doloroso, afirmando que “boa parte da culpa por nossa miséria vem do que é chamado de nossa civilização” (FREUD, 2014, p.44). Essa argumentação chama a atenção por ser aquela que justamente o homem que cria a civilização para tentar proteger-se do sofrimento do sujeito. O sofrimento, então, é inerente à cultura.

5.1 NARCISISMO E SEUS RELACIONAMENTOS VIRTUAIS

Quando se fala sobre o narcisismo, situam-se muitas questões interessantes, as quais seguem para alguns mitos: que os narcisistas possuem alta autoestima; narcisistas são realmente ótimos, melhores na aparência, espertos; um pouco de narcisismo é saudável; e que narcisismo é apenas vaidade física. Embora a vaidade seja uma das características negativas do narcisismo, ela não é a única. Existem também o materialismo, o entitamento, agressividade quando insultado, o desinteresse por relacionamentos emocionais próximos, e conseqüentemente, o isolamento. Admirar a si próprio faz o sujeito se sentir bem e lhe faz feliz, porém o isola.

Narcisismo e autoestima se diferenciam em maneiras importantes. Os narcisistas têm alta autoestima, e de fato, usam muitas técnicas para aumentar sua autoestima, que leva a aumentar seu potencial narcisista.

A autoconfiança do narcisista é uma característica que nos chama a atenção. O narcisista costuma ter alta tolerância a riscos, pois “tudo dará certo”. Por essa razão, os narcisistas costumam ter sucesso ao investir em ações de mercado, quanto sua autoconfiança e sua disposição para correr riscos podem arriscar. Existe, porém, uma exceção à regra que o narcisista não é levado ao sucesso. Narcisistas são bons individualmente, mas em grupo ou em performances públicas podem ser desastrosos. Quando sua performance é valorizada no grupo, o narcisista se esforça cada vez mais para se sobressair, porém, quando o crédito da valorização vai para o grupo como um todo, o narcisista não tenta, não se sacrifica e sua performance é pobre. Esse vazio de esforço pode mostrar, também, a responsabilidade do narcisista no mundo dos negócios, onde geralmente o trabalho em grupo é

valorizado. Portanto, narcisismo somente será beneficiado em situações onde o sujeito tentará algo individualmente.

Outra razão que as pessoas acreditam que os narcisistas fazem sucesso é porque os narcisistas procuram atenção, o olhar do outro, são espetaculares, são notados, e podem também ser um desastre. Esse fenômeno é fácil de se ver, por exemplo, em Donald Trump, que coloca seu nome em tudo que constrói: uma universidade, seu próprio show de TV, conseguiu ser eleito presidente de um dos países mais ricos do mundo, está sempre em conflitos e discussões em entrevistas e “*talk shows*”, etc. Além de tudo é um grande exemplo de um sujeito que tem tanto sucesso quanto parece ser narcisista. Mas o sujeito não precisa ser narcisista para ter sucesso.

Então, se o narcisismo não traz consigo o sucesso, e vem com muitos custos, por que o sujeito é narcisista? Existe uma razão: o narcisismo faz o sujeito se sentir muito bem. O narcisismo compartilha, também, alguns sentimentos com comportamentos destrutivos. Primeiro porque se sente bem; segundo porque comportamentos destrutivos normalmente possuem benefícios a curto prazo e custos a longo prazo; e terceiro, porque estes comportamentos fazem outras pessoas sofrerem. Nos benefícios a curto prazo, no narcisismo há um sentimento de prazer, de gozo. O gozo está no olhar ao espelho, ou à tela ao pensar que é extremamente excitante, e é até melhor ao postar fotos online e ter pessoas comentando “Você está linda(o)!” ou “Ma-ra-vi-lho-as(o)!” É excitante estar no centro das atenções, gozando os seus 15 minutos de fama, no gozo do olhar do outro.

Em um período mais longo, muitos narcisistas acabam num estado de depressão, pois destroem suas vidas pessoais e profissionais em razão de seu egoísmo. Neste ponto, o narcisista está encurralado. Imaginemos o que um sujeito narcisista sabe sobre si mesmo: “eu não sou realmente tão especial; eu não sou tão excitante; eu sou bastante mediano no trabalho; se eu morrer, o mundo continua; Cauã Reynolds e Anitta são o máximo, mas eu não.”

Uma possível causa para uma epidemia narcisista é a educação moderna e atual dos pais: indulgência, excesso de premiação e a colocação da criança no comando. Colocar a criança num pedestal e a enaltecer demasiadamente, num cenário onde ela é a princesa (ou a majestade) da casa, traz consequências futuras para o quadro deste estudo.

A massa da população na atualidade sabe muito sobre as celebridades. Elas estão nas revistas, programas de TV, novelas, rádios, redes sociais, enfim o acesso às informações sobre quem é famoso ou qual a roupa ou o acessório mais usado por uma celebridade está bastante disponível a qualquer classe social. Apesar da constante disposição na mídia, há um interesse no olhar privado: um olhar nos momentos de uma conversa pessoal, de uma briga familiar, de uma emoção corriqueira, como uma compra de uma roupa, pois esse olhar é proibido, é incomum. “*É como se ser famoso fosse um direito*” (GAMSON, 2013), professor de sociologia da Universidade de São Francisco. Se o sujeito não tem alguém perguntando quem você é, você não é ninguém.

E o ser humano é um ser social que necessita compartilhar sua afetividade, estar com o outro. Para compartilhar, na condição humana, precisa ter algo a oferecer, não apenas a receber. Nesse “querer compartilhar” cria-se uma expectativa, sente-se um vazio. “Minha vida é um vazio”. O outro trará tudo que o sujeito necessita. Mas e o outro? Ele também necessita. O sujeito espera sempre que o outro o preencha, numa relação vampiresca. Um ser que não tem vida interior vai esperar que o sentido de sua vida seja preenchido pelo outro e isso leva à frustração.

A *internet* é um caminho que encoraja o narcisismo. Alguns sites e redes sociais recompensam o narcisismo ao invés de incentivar a troca de informações construtivas, ou cultivar a amizade. A ferramenta “*MySpace*” (Meu Espaço) não tem esse nome por acaso. O slogan do “*YouTube*” é “*Broadcast Yourself*” (Divulgue a Si Mesmo). O nome “*Facebook*” (Livro da Face) tem a nuance de ver e ser visto, preferencialmente o mais atraente possível.

Em um estudo realizado em uma escola de ensino médio americano, uma professora listou quatro mensagens que os jovens absorveram dos sites de redes sociais, os quais se relacionavam:

1. Devo me entreter todo o tempo;
2. se você conseguiu, ostente;
3. sucesso significa ser um consumidor; e
4. felicidade é um adulto glamoroso (com uma idade adulta inicialmente definida em termos de sexualidade).

Essas mensagens trazem um forte conceito de cultura narcísica com excessivo materialismo, agressividade com o outro, vaidade, uma medida de sexualidade e um desejo fanático por atenção e fama.

Muitas pessoas utilizam as ferramentas da *internet*, os sites de relacionamento, como uma maneira de passar o tempo, manter contato com familiares e amigos. É uma forma de permitir que se tenha uma página com fotos, convites para eventos, acontecimentos diários na vida pessoal do sujeito. Isto certamente não é algo ruim. Menos positivo, entretanto, é o número de pessoas que, aparentemente, utiliza as ferramentas para procurar atenção ou um olhar.

Narcisistas quase sempre têm problemas em relacionamentos com outros. Ser amigo em redes sociais possui ter conceito diferente de ser amigo na vida real. Ser amigo de alguém no *Facebook*, por exemplo, não necessariamente significa que você tem um relacionamento emocionalmente sério, próximo com este. É mais um sinal de quantos amigos o sujeito conhece, ou quantos amigos se pode dizer que “te conhecem”. Ter mais amigos é como ser mais um símbolo de status, e é constrangedor ter poucos amigos nessas redes sociais. Na vida real, você é realmente confiável se você tem apenas cinco amigos muito próximos. Na ferramenta “*MySpace*” é o oposto, pois tudo o que importa é a quantidade e, não a qualidade. Para os narcisistas, é uma competição ver quem consegue ter mais amigos famosos, ou “em alta”, pois os narcisistas adoram uma competição. Tudo gira em torno de ser reconhecido e ter fãs. Até um simples endereço de e-mail pode dizer se uma pessoa tem traços narcísicos à mostra. Mesmo não sendo uma ferramenta atual de relacionamento virtual, o já ultrapassado e-mail ainda pode ser visto como uma maneira de chamar atenção pelo olhar do outro: fla.fofa@hotmail.com; andreiathebest@gmail.com; camila13lokinha@hotmail.com; etc.

Num estudo inicial realizado pela Universidade de San Diego-Califórnia, os pesquisadores escolheram randomicamente estudantes para executarem duas tarefas: editar sua página na ferramenta “*MySpace*” e escrever sobre isso; ou plotar a rota que fizeram para chegar ao campus no “*Google maps*” e escrever sobre isso. Randomicamente feito, eliminou-se a possibilidade de o estudante escolher sua preferência nas tarefas. Após a execução dessas tarefas, os estudantes responderam ao questionário NPI (*Narcissistic Personality Inventory*). Com segurança, estudantes que ficaram 35 minutos na tarefa da página do “*MySpace*”

apontaram mais traços narcísicos significantes do que os estudantes da tarefa da plotagem. Setenta e quatro por cento dos estudantes que estiveram na tarefa do “MySpace” tiveram um resultado narcísico mais alto do que a média dos estudantes que estiveram na outra tarefa. O grupo do “MySpace” deu preferência às perguntas como: “*Eu gosto de ser o centro das atenções; Eu gosto de ter autoridade sobre outras pessoas; Eu sempre sei o que estou fazendo; Todos gostam de ouvir minhas histórias; Eu nasci um líder*” (Entrevistado 1). Os pesquisadores fizeram esse primeiro experimento, porém esperam que outros pesquisadores possam aprimorar o link entre o uso das redes sociais e o narcisismo, para que se tenha a certeza que possamos dizer que os sites de relacionamento realmente aumentam o narcisismo.

As comunidades virtuais permitem que o sujeito tenha a liberdade de criar um outro eu, uma nova identidade: você pode escolher outro nome, sexo e sua aparência física. O sujeito pode até ter uma aparência não-humana, se preferir. Tem até a liberdade de alteração, caso necessite. Se a vida do sujeito se tornar um desastre, ele pode escolher uma nova identidade e começar novamente. O sujeito é mais atraente nessa segunda vida. Esse é o desejo inconsciente de se ter a atenção, o olhar, o único relacionamento que dá certo.

A *internet* e, conseqüentemente as redes sociais, desempenham muitos papéis positivos em nossas vidas: colaboração entre pesquisas pelo mundo; nos permite entrar em contato com amigos e colegas antigos; acesso ao vasto montante de informações disponíveis online; etc. O narcisismo entra na história, entretanto, de algumas maneiras. A *internet* torna fácil fazer com que o sujeito tenha outra identidade, uma pessoa alternativa, melhor, mais “descolada” ou mais atraente. A maioria da comunicação na *internet* é via imagens e uma curta descrição de si mesmo, dando ênfase aos aspectos mais superficiais do sujeito: sua foto cuidadosamente selecionada, um dito hilário e uma sinopse criativa. O sujeito, desesperado por atenção, tem acesso a uma enorme audiência potencial na web, em sites como *Youtube*, *blogs*, comentários de jornais online e sites de *rating* de fotos. Tudo isso encoraja o narcisismo, e enquanto gostamos de um vídeo medíocre do *Youtube* assim como qualquer outro sujeito, uma *internet* sem um narcisismo exuberante seria um lugar muito melhor.

6 O IMEDIATISMO, O ISOLAMENTO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Acredita-se que a palavra correta para o afeto proposto nesse trabalho não seja a solidão, mas sim, isolamento. Segundo o dicionário da língua portuguesa Houaiss, solidão é o estado de quem está ou se sente só. Já isolamento, do verbo isolar, tem outro sentido: condição de estar à parte, em sentido material, intelectual ou espiritual; separar-se. O isolamento tem características que independem de a pessoa estar ou não acompanhada, sendo, então, nada mais do que a falta de nós mesmos. É o sujeito estar desacompanhado de si mesmo. A solidão não gera o isolamento.

O ser humano é um ser social, necessita compartilhar sua afetividade. Pode-se lembrar que o homem primitivo já vivia em comunidade. Mas para o indivíduo compartilhar, na condição humana, precisa ter algo a oferecer, não só algo a receber. Esse pressuposto de querer compartilhar cria uma expectativa, na qual sente-se o vazio. O outro está na condição de trazer tudo que o sujeito necessita. Espera-se sempre que o outro preencha nossas necessidades, tornado assim, a relação vampiresca. Um sujeito que não possui uma vida interior satisfeita, poderá esperar que o sentido de sua vida seja preenchido pelo outro, quando, na verdade, essa vida deve ser encontrada por ele mesmo. Isso pode gerar a frustração.

A frustração no sujeito pode gerar barreiras, assim como a falta de diálogo interno. Uma das técnicas que podem auxiliar nessa frustração é a solidão, aquela de autoconhecimento, de avaliação do dia-a-dia, buscando as respostas dentro de si e convivendo saudavelmente consigo mesmo. Inconscientemente, a solidão pode ser o que o sujeito procura, no simbólico.

O isolamento é próprio dos seres humanos que se sentem vazios e têm expectativa de que esse vazio possa ser preenchido pelo outro. Em decorrência, podem apelar para algo que lhe puxe para fora, como o mundo virtual, a alienação, estímulos externos. Portanto, ocorre o fenômeno da massificação, que é o tributo a se pagar para se pertencer à massa, na qual todos estão conectados à tecnologia, ao mundo virtual. Os vícios e defeitos podem causar o isolamento, assim como a falta de vida interior e o vazio, como o grande vilão do isolamento.

O relacionamento nas redes sociais tem fortalecido o senso de individualismo humano, explorando seu narcisismo. As redes virtuais permitem conexões com a massa, porém a qualidade dessas conexões podem levar à ilusão quanto ao desejo do sujeito: desejo de estar junto com ideias, com desejo; e com necessidades e entregas. Um ato num relacionamento virtual, mesmo não sendo cumprido ou não sendo o que se esperava, causa o gozo do sujeito.

Uma pesquisa realizada nos EUA, em duas universidades, com mais de 5.000 usuários, mostra que o alto uso da interação virtual pode deixar esses usuários insatisfeitos com a vida.

Uma das ferramentas de relacionamento virtual, o *Facebook*, faz com que seus quase 2 bilhões usuários a utilizem por cerca de cinquenta minutos diários, deixando apenas a televisão ganhar desse tempo: 2,8h diárias. Várias atividades que envolvem, muitas vezes, o laço social são deixadas de lado: a leitura, que consome em média 19 minutos; exercícios físicos, 16 minutos; eventos sociais consomem 4 minutos. A permanência em redes sociais rivaliza até com o comer e beber do ser humano, que chega a uma hora diária. O estudo comportamental, nas universidades americanas de Yale e San Diego, mostra um impressionante alerta: quanto mais tempo se passa em redes sociais, maior será a deterioração do laço social.

Dois estudiosos, o médico e sociólogo Nicholas Christakis, do departamento de ciência biossocial da Yale, e a epidemiologista Holly Shakya, especialista em estudos de saúde pública da instituição de San Diego, conferiram o que se passa com 5 208 usuários da rede social *Facebook*, entre 2013 e 2015, e sumarizam no livro *Narcissism Epidemic*. Detiveram-se, primeiramente, nos relacionamentos virtuais estabelecidas por postagens, curtidas e comentários; posteriormente, na saúde mental e física dos usuários, verificada em três testes: a satisfação com a aparência e o bom metabolismo do organismo; a medida da própria felicidade ou

tristeza; e o grau de contentamento com a vida de forma geral. Nesta pesquisa concluiu-se que, quando havia uma queda no número de curtidas nos posts publicados por um indivíduo, ele apresentava mais sinais de insatisfação com seu estado físico e mental. A satisfação pessoal também mostrou uma queda de 7% sempre que se detectava uma diminuição da repercussão das publicações on-line de cada sujeito. Segundo a pesquisadora Holly Shakya, a ferramenta virtual *Facebook* é positiva quando amizades são fortalecidas, oferecendo um suporte ao laço social. “Estamos conectados em todos os lugares e isso tem efeitos sem precedentes” (Shakya, 2017).

Em março de 2017, uma outra pesquisa americana da Universidade de Pittsburgh, com 1787 voluntários, informou que as redes sociais podem tornar os seres humanos mais isolados. A pesquisa foi feita com base nos usuários que ultrapassavam o limite de duas horas de conexão por dia e que possuíam o dobro de probabilidade de sentir-se solitários. Um outro estudo, da Universidade de Hong Kong, investigou que os hábitos virtuais tendem a reduzir em 22% o nível de qualidade de vida dos usuários, podendo levar os indivíduos a apresentar sintomas ligados a certos distúrbios, como hiperatividade, déficit de atenção, etc.

A geração superconectada tende a ter mais vínculos virtuais, em média 290 amigos no *Facebook*, do que concretos, reduzindo-se ao impressionante número de 3 amigos “verdadeiros”. Enquanto o relacionamento virtual pode gerar insatisfação e isolamento do laço social, o relacionamento concreto “*off-line*” pode trazer contentamento, chegando-se até a um aumento na autoestima.

No Brasil, o mesmo padrão de comportamento pode ser refletido, pois se trata de uma ação comum aos indivíduos contemporâneos globais. A última pesquisa nacional revela que existem 113 aparelhos celulares para cada 100 habitantes. Essa pesquisa do IBGE revelou que 116 milhões de brasileiros se conectaram a *internet* durante o ano de 2016, sendo que a maioria usou smartphones para navegar. O estudo foi feito pela Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua, o PNAD C. Recentemente, novos dados divulgados pelo instituto mostram que 77,1% da população, com 10 anos ou mais de idade, tinham um aparelho de celular próprio em 2016. Quando esses dados são cruzados com os que foram disponibilizados pela Anatel no período, temos uma média de 1,7 aparelho/linha ativa por usuário.

Com o propósito de aproximar e conectar as pessoas através da *internet*, as redes sociais ganharam espaço na vida da população e estão cada vez mais

presentes em nosso cotidiano. Através da tecnologia, é possível estar a par de tudo o que acontece ao redor do mundo em apenas um clique. Além disso, as redes sociais nos permitem contato com pessoas mais distantes, como amigos e familiares. No entanto, essa nova realidade divide as opiniões quando o assunto é o relacionamento na vida real, pois apesar de aproximar aqueles que estão longe, podem também distanciar aqueles que estão ao lado, podendo-se causar o isolamento do laço social.

Os termos representantes de gerações estão cada vez mais tomando espaço nas comunicações. Um exemplo disso é o termo I-Gen, que remete à geração do “I” (do inglês, eu), caracterizada pela pouca liberdade e imaturidade dos jovens adolescentes, usuários das telas e das tecnologias. São jovens adolescentes que, usualmente, saem de casa com a família para um passeio, ao invés de sair com amigos, algo que para as gerações anteriores era muito raro de acontecer, ou até mesmo ridicularizado. É uma geração que, mesmo perto fisicamente, se comunicam pelos seus celulares. São jovens que passam a maior parte de seu tempo em seus quartos, isolados, porém sempre conectados em seus “*smartphones*”. “*Estou com meu telefone mais do que com meus amigos, pessoalmente*”. E ainda completa: “*acredito que gosto mais do meu celular do que das pessoas.*” (Entrevistada 1)

Nos Estados Unidos, psicólogos das universidades de Michigan e Los Angeles, efetuaram quatro pesquisas em diferentes Estados norte-americanos com adolescentes do ensino fundamental e médio, passando de dez milhões de entrevistados, desde 1991. As pesquisas são: Monitorando o Futuro (MtF); O Sistema de Vigilância de Comportamentos de Risco para Jovens (YRBSS); A Pesquisa de Calouros Americanos ao Entrar na Universidade (AF); e Pesquisa Social Geral para Adultos (GSS). Essas pesquisas, bastante citadas nesse estudo, mostraram que os I-Gens são jovens que surgiram após a geração chamada de Millennial, e que não tem ambição em serem adultos. Dois exemplos bastante comuns que ocorrem hoje com esses jovens são: não terem a pressa de tirarem a carteira de motorista; ou em ler livros que não sejam, por exemplo, da série *Harry Potter*. Estão demorando para abraçar as responsabilidades e os prazeres da vida adulta, crescendo devagar.

Essa geração, presa em seus *smartphones*, são adolescentes que saem para se divertir com os amigos e que estão, muitas vezes acompanhados pelos pais. Ainda não experimentaram aquela sensação de liberdade, tão desejada pelas

gerações anteriores. E para eles, está tudo bem. E esse número de jovens está cada dia mais em crescimento, cada vez menos provável de sair de casa sem os pais.

O corpo de bombeiros tem alertado, recentemente e insistentemente, aos residentes que tomem cuidado com o uso de carregadores de celulares nos quartos, nos quais está aumentando o número de casos de incêndio. Vários casos informados são de maioria jovens que acordam com cheiro de fumaça ou o brilho de fogo em suas camas. Isso ocorre normalmente porque escondem seus celulares embaixo de travesseiros, enquanto são carregados. A resposta para isso pode estar na obsessão em nunca se desconectar, nem ao menos, durante o sono. A necessidade em checar e-mails, mensagens e comentários a todo momento, repetidamente, caracteriza um estado obsessivo instrumentalizado. Essas mensagens são a última e a primeira coisa a ser vista durante os dias. O celular se tornou o grande Outro, uma extensão de seus corpos, ou como um amor que traz conforto.

Os I-Gens se sentem frustrados com o fato de seus celulares estarem sem bateria ou de não ter o sinal de *wi-fi* ou *internet*. Para eles, isso é incompreensível e desesperam-se, sem conseguir enxergar uma saída. E cada vez mais o sujeito está passando ou gastando mais horas de seu dia com os celulares, normalmente em redes sociais. O serviço de mensagens de texto, conversas em aplicativos como *whatsapp*, têm basicamente substituído as conversas por telefone. O sentimento é de que se deve fazer e, como todos fazem, pode tornar-se mandatário.

As redes sociais eram, basicamente, para se publicar assuntos ou coisas de “cultivo” da imagem, na qual não é permitido parecer triste ou mal arrumado. Com isso, descobriu-se uma brecha, socialmente aceitável, de se publicar *selfies* narcísicas. O sentimento é comum: de tolerância, de mesmice e de respostas semelhantes nos comentários. Em um perfil, só se mantém fotos com muitos *likes*. Se menos, ou nenhum comentário, são deletadas pelo próprio sujeito. A imagem narcísica pode estar em jogo.

Tais questões salientam que essa geração perdeu muito do prazer ou do interesse no laço social. Quando são impedidos de sair fisicamente de casa, pelos pais, os amigos permanecem juntos virtualmente. Os I-Gens adolescentes passam muito menos tempo em festas do que os jovens de gerações passadas. Alguns até nunca foram à uma festa e nem fazem questão de ir. Em algum momento, perdeu-se

o interesse. Hoje, temos o imediatismo do *Netflix* e das redes virtuais. Com tanto entretenimento dentro do lar, por que festejar? O número de adolescentes que se reúnem numa festa caiu quase a metade em quinze anos e este número continua caindo, assim como o uso do álcool. Não envolve, necessariamente, o gasto de dinheiro ou ir a algum lugar interessante, é apenas estar com os amigos. Esse tempo pode estar sendo substituído pelo tempo gasto com a tela.

São feitos amigos virtuais falsos que ajudam o sujeito a ser elogiado, curtido, porém, esses amigos falsos não são realmente conhecidos ou próximos e, muitas vezes, mantém-se um relacionamento profundo.

O isolamento é ilustrado pelas ações do sujeito, não estando abertos a relacionamentos amorosos, a sair para passear de carro para passar o tempo, ir aos cinemas, ir a bares ou clubes noturnos, etc. E, enquanto estão em casa, podem não interagir com a família, sendo apenas monossilábicos: “ok, ok, o que seja!”. É bem provável que este tempo no isolamento deva estar sendo gasto em redes sociais. As atividades são, muitas vezes, alienantes. A *internet* veio para ocupar esse espaço, com as ferramentas *Whatsapp*, *Instagram*, *Twitter*, entre outros, e os sujeitos estão se encontrando cada vez menos. A amizade online pode estar tomando conta da amizade presencial e interativa.

Essa questão nos remete à felicidade. Esses adolescentes estão ou não mais felizes? As pesquisas mostraram que aqueles jovens que não se isolam, que interagem pessoalmente, são mais felizes. Pode-se dizer que isso é quase um aviso: se quiser ser feliz, desligue as telas. A falta de felicidade, algo que muitas vezes não conseguem explicar o motivo, pode levar à depressão. Nessas mesmas pesquisas, outro estudo mostrou que usuários do *Facebook* se sentiam mais infelizes após o uso desta ferramenta, assim como não sentiam prazer em realizar a próxima tarefa. E depois de interagir com amigos, pessoalmente, sua saúde mental e satisfação aumentaram para a execução da próxima tarefa. Outro estudo realizado por estudantes universitários na Dinamarca mostrou que, após uma semana sem o uso do *Facebook*, um grupo de estudantes estava mais feliz, menos solitário, e menos deprimido, do que o grupo que continuou a usar a ferramenta virtual.

A promessa dos sites virtuais é a de que são tão bons quanto uma interação física e pessoal. Esses sites, ou redes sociais, são, teoricamente, para se conectar pessoas. Talvez também possam ajudar os sujeitos a se sentirem mais incluídos, mais rodeados de amigos e menos sozinhos. Entretanto, o sentimento do sujeito é

outro: as pessoas tendem a se sentir mais sozinhas, achando que algo foi esquecido ou deixado de acontecer, ficando sempre o desejo latente de se ter mais relacionamentos presenciais. Duas pesquisas citadas no trabalho da pesquisadora Jean Twenge mostram que o uso exagerado das redes sociais podem causar ou aumentar o isolamento. E este dado aparece em suas pesquisas, em todos os tipos de gráfico comparativo: homens e mulheres; hispânicos, brancos e negros; ou baixa ou alta renda econômica.

Uma das entrevistadas nas pesquisas, de 18 anos, menciona: *“Na escola, as pessoas estão quietas. Todos estão com suas telas, ignorando uns aos outros. Não estou satisfeita com minha vida porque muitos de meus amigos são viciados nos seus telefones. Parece que eles não querem falar comigo porque eles estão ao telefone”* (Entrevistado 2). Essa adolescente não parece estar apenas sozinha e triste, mas também traz indícios um tanto depressivos. Esse estudo I-Gen também traz dados conclusivos sobre a diferença dos jovens que usam massivamente as tecnologias sociais e os que não as utilizam tanto, com dados prováveis sobre depressão e até suicídio.

O ser humano é em sua essência um ser social e nossos cérebros desejam a interação pessoal, face-a-face. O homem primitivo que era expulso de sua tribo, provavelmente, morria ao não ter compartilhamentos humanos, como comida e até mesmo a reprodução. Então, um simples fato de ser rejeitado, recusado ou não tendo um *like*, pode desenvolver uma queda na autoestima, aumentar agressão ou, possivelmente, levar o sujeito à depressão.

Em nosso cérebro, desejante do laço social, as redes sociais e mensagens de texto são um solo fértil para afetos negativos. Diferentemente da interação face-a-face dos sujeitos, os relacionamentos virtuais envolvem uma certa demora em respostas. Se uma mensagem é enviada e não há resposta imediata, o sujeito já se questiona o motivo dessa demora. O mesmo ocorre com a postagem das fotos *selfies* e seus *likes*. Quando são postadas, o sujeito aguarda e a sua angústia na espera da resposta aumenta consideravelmente.

Um outro ponto observado é a questão da linguagem. Os sujeitos que estão se relacionando excessivamente, através das telas, podem também perder a habilidade do discurso, não sabendo como conversar ou falar algo para o outro. As habilidades sociais também envolvem prática. Estão submetidos ao errar mais ao

falar, não estarem prontos para uma entrevista, terem bloqueios ao falar em público. A fala é da ordem primária do sujeito em todas as suas decisões da vida social.

As ideias narcisistas tiveram um aumento em torno da década de 80. Uma forma da manifestação extrema do individualismo crescente pode ser a alta ênfase que se dá ao pensar em si mesmo, não importando o motivo. A expressão “eu sou melhor” foi, crescentemente, publicada em livros entre 1960 e 2008 (fonte Google Books *Database*). Um possível resultado são os seres humanos se acharem superiores em importantes habilidades. Talvez porque se sentir bem consigo mesmo seja tão enfatizado, com feedbacks positivos tão comuns, por exemplo os troféus de participação, as “estrelinhas nas mãos”. Se tivermos esse discurso de que todos são ótimos, todos ganham medalhas e troféus e tiram notas altas, o pensamento positivo e alto de si mesmo se torna institucionalizado. Será que isso é algo bom, se pensarmos em aumentar o narcisismo, a autoestima, mesmo se não for real? O foco comum entre os narcisistas acaba sendo a fama, dinheiro e imagem.

O sujeito, na rede social, coloca-se numa situação alienante, na qual tudo se realiza, tudo é maravilhoso e vai de encontro à sua felicidade. Algumas outras pessoas, com características narcísicas, se expõem ao máximo, inserindo todas as ocorrências de seu cotidiano, sejam boas ou más, fazendo das redes sociais um espelho de sua vida. Assim, corre-se o risco ao se mostrar questões tão subjetivas, abre-se possibilidade de ser visto da forma que o sujeito não deseja ou não espera. Muitas vezes o sujeito coloca no virtual algum afeto, alguma angústia, e assim, pode-se ter um retorno contra o que o sujeito espera, fazendo-o se sentir ainda pior. O narcisismo é a ideia de atrair o olhar nas redes sociais, um olhar este que o sujeito não possui.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada fato ou cada ação que o sujeito toma deve estar associada a algum afeto, pois dessa forma, se mantém o desejo, através da simbolização. O desejo do ser humano não morre quando existe o simbolismo no que se executa. A tecnologia e o mundo virtual trazem a possibilidade de se ter objetos de desejo por perto, sem o risco de que esse desejo possa acabar. Numa sociedade em que não se suporta a dor, nem a frustração, inventa-se o modo de se sentir os afetos através dos remédios, bebida, drogas, fugas, e das telas, sendo uma sociedade que perde seus desejos criativos e regride aos desejos instintivos. O homem busca colocar seus desejos mais rápidos, mais imediatos, pois não há a possibilidade do sofrimento e angústia pela espera. Um sujeito saudável pode ser aquele que busca seus objetos de desejo, e a cada desejo realizado, constrói-se outro e uma nova busca é iniciada. Como se submeter ao desejo sem a troca de objeto? Uma possibilidade é a aceitação da nossa impotência, a quebra do nosso narcisismo, através do afloramento pela nossa consciência.

O narcisismo vem sendo considerado um fenômeno social e psíquico, tratando-se de um termo psicanalítico e, sua mera transposição para uma caracterização social pode incorrer em certa negligência. A prática de relacionamentos virtuais e o isolamento do sujeito podem vir a ser resultado do que um dia a vivência do complexo de Édipo e a castração implicaram, juntamente com sua libido e desejo, na constituição do seu narcisismo. Pelo caminho da *internet*, o sujeito veio definir sua opção de acesso do desejo inconsciente, com base em suas vivências infantis no complexo familiar. Dessa forma, o indivíduo percorre a trajetória de dar satisfação ao seu desejo e, portanto, sai em busca do preenchimento de seu

vazio, em busca do retorno a coisa perdida, em busca de algo que possa significar a viabilização de acesso ao seu gozo, trajetória essa que é definida pela subjetivação do sujeito.

Através da identificação mútua entre os sujeitos e do controle da extensão narcísica do eu, pode haver a formação ou coesão do laço social. As forças de ligações libidinais, do egoísmo e do individualismo são contidas em favor do coletivo. Esses laços libidinais acontecem reciprocamente entre os indivíduos, por meio de vínculos que permitem a identificação mútua.

A vivência da fantasia pode dar ao sujeito uma certa apreensão da falta e o mundo virtual pode ser a instituição capaz de preencher esse buraco, esse vazio, na busca de um objeto que o satisfaça plenamente. Esse objeto está nas redes virtuais, nas *selfies*, nas publicações narcísicas, no imediatismo de seus acessos. O narcisismo traz o incansável. Instaure-se a busca incessante pela imagem, beleza, bem-estar, para preenchimento da falta, pregressa das figuras parentais, nas suas vivências infantis. O questionamento atual pode ser colocado: até quando o sujeito estará em busca do preenchimento desse vazio, da instauração do complexo de Édipo e do pai? Com o isolamento, como se dá a restituição ao outro no laço social? A formação do laço social é justamente uma troca com seu ancestral, com uma retribuição ao outro. O que o sujeito deve fazer, então, com o que recebe? “O que faz sintoma é a verdade que retorna, perturbando a boa ordem” (FLEIG, 2018). O que se recebe do outro pode ser um retorno como uma verdade que vem perturbar a ordem do sujeito.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos (1915) – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929) – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916) – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos - (1930-1936) - São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923) - São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu, contribuição à História do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914) - São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. Introdução à metapsicologia freudiana, volume 3 – Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2000.

HUNT, Tara. O poder das redes sociais. Editora Gente, 2ª edição. São Paulo, 2010.

JORGE, Marco A. Coutinho. Fundamentos da psicanálise. De Freud a Lacan. Volume 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. Escritos - Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O seminário: Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. O seminário: Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2010.

NASIO, J. -D. Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise – Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

PAIM, Rose M. de Oliveira. Mulher @ desejo – A procura do objeto amoroso. Editora Evangraf, Porto Alegre, 2008.

PLATÃO, O mito da caverna – Editora Edipro: São Paulo, 2015.

PRADO, Mário Pacheco A. Narcisismo e estados de entranhamento. 2ª edição, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1988.

TWENGE, Jean M. e CAMPBELL, W. K. The Narcissism Epidemic – Nova Iorque, Editora Simon & Schuster, 2010.

TWENGE, Jean M. IGen: Why today's super-connected kids are growing up less rebellious, more tolerant, less happy – and completely unprepared for adulthood. New York: Atria Books, 2017.

ZBRUN, Karlen: Volencia y consumo en adolescentes. El sujeto en perspectiva - 1ª Edição, Buenos Aires: Letra Viva, 2013.